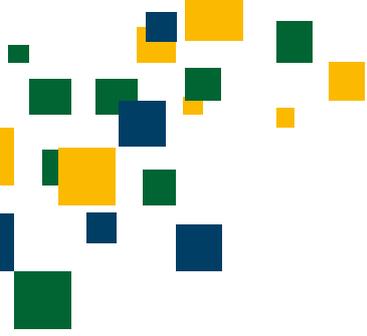




BRASILEIROS NO REINO UNIDO, 2020



BRASILEIROS NO REINO UNIDO, 2020

Yara Evans

LONDRES
OUTUBRO DE 2020

ÍNDICE

ILUSTRAÇÕES	04
1. INTRODUÇÃO	05
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	06
3. A POPULAÇÃO BRASILEIRA NO REINO UNIDO	06
4. PERFIL DEMOGRÁFICO	07
5. IMIGRAÇÃO PARA O REINO UNIDO	12
6. RESIDÊNCIA	20
7. ATIVIDADE ECONÔMICA	23
8. SAÚDE	29
9. VIDA SOCIAL	30
10. VIDA CÍVICA	31
11. COTIDIANO	33
12. RELAÇÕES COM O BRASIL	26
13. FUTURO	38
14. BRASILEIROS NO REINO UNIDO, 2020	38
15. AGRADECIMENTOS	40
BIBLIOGRAFIA	41
ANEXO I	42
ANEXO II	43
ANEXO III	44
ANEXO IV	45
ANEXO V	46

ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - BRASILEIROS NO REINO UNIDO	07
GRÁFICO 2 - GÊNERO	08
GRÁFICO 3 - IDADE	08
GRÁFICO 4 - ESCOLARIDADE	09
GRÁFICO 5 - GRUPO RACIAL	09
GRÁFICO 6 - RELIGIÃO	10
GRÁFICO 7 - ESTADO CIVIL	11
GRÁFICO 8 - FILHOS	11
GRÁFICO 9 - PAÍSES DE RESIDÊNCIA ANTERIOR (N)	13
GRÁFICO 10 - MOTIVO DA IMIGRAÇÃO	14
GRÁFICO 11 - ESTADO IMIGRATÓRIO	15
GRÁFICO 12 - MUDANÇA NO ESTADO IMIGRATÓRIO	16
GRÁFICO 13 - ASSISTÊNCIA NA FASE INICIAL NO REINO UNIDO	17
GRÁFICO 14 - ASSISTÊNCIA RECEBIDA DURANTE O PRIMEIRO MÊS NO REINO UNIDO	18
GRÁFICO 15 - APOIO RECEBIDO SEGUNDO O GÊNERO	19
GRÁFICO 16 - TEMPO DE RESIDÊNCIA	22
GRÁFICO 17 - COMPOSIÇÃO DOMICILIAR	22
GRÁFICO 18A - OCUPAÇÃO NO REINO UNIDO	24
GRÁFICO 18B - OCUPAÇÃO POR GÊNERO	24
GRÁFICO 18C - MUDANÇA OCUPACIONAL	25
GRÁFICO 18D - PERCENTUAL DA MUDANÇA OCUPACIONAL	26
GRÁFICO 19 - SALÁRIOS	27
GRÁFICO 19C - SALÁRIOS SEGUNDO O GÊNERO, JORNADA E RESIDÊNCIA NA INGLATERRA	28
GRÁFICO 20 - BARREIRAS AO EMPREENDEDORISMO	29
GRÁFICO 21 - VIDA SOCIAL	30
GRÁFICO 22 - SERVIÇOS CONSULARES	31
GRÁFICO 23 - ELEIÇÕES NO BRASIL E PREPARO PARA O PÓS-BREXIT	32
GRÁFICO 24 - DIFICULDADES NO COTIDIANO	33
GRÁFICO 25 - TIPOS DE VIOLÊNCIA	34
GRÁFICO 26 - ÚLTIMO EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA	35
GRÁFICO 27 - VIOLÊNCIA REPORTADA	35
GRÁFICO 28 - CONTATO COM O BRASIL	36
GRÁFICO 29 - REMESSAS AO BRASIL	37
GRÁFICO 30 - FUTURO NO BRASIL	38
MAPA 1 - ORIGEM NO BRASIL POR UNIDADE FEDERATIVA	12
MAPA 2 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE BRASILEIROS NO REINO UNIDO	20
MAPA 3 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE BRASILEIROS EM LONDRES	21

1. INTRODUÇÃO

A expansão da comunidade brasileira no Reino Unido ao longo das últimas décadas tem suscitado um crescente interesse de acadêmicos, analistas e autoridades brasileiras. A intensificação do fluxo migratório brasileiro ao Reino Unido ocorreu em paralelo à de outros grupos, que em seu conjunto compreendem os ‘novos imigrantes’ que deram origem ao fenômeno da ‘superdiversidade’ de comunidades imigrantes, estabelecidas sobretudo em Londres (Vertovec, 2007). Esses novos imigrantes distinguem-se por serem originários de países que prescindem de laços históricos com o Reino Unido, à diferença, por exemplo, de imigrantes de países que integram a *Commonwealth*. Estudos anteriores revelaram que, dentre os países da América Latina, o Brasil constituía a maior comunidade de imigrantes no Reino Unido no início da década (McIlwaine, Cock and Linneker, 2011). Ademais, estimativas do Ministério das Relações Exteriores do governo brasileiro revelam ser a comunidade brasileira no Reino Unido a maior de todas as comunidades brasileiras na Europa (MRE, 2015). Esse notável crescimento é atribuído, pelo menos em parte, ao reforço do controle migratório nos Estados Unidos ocorrido após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, que teria incentivado os brasileiros a buscarem outros países para onde migrarem (Dias, 2015; Dias e Martins, 2018).

A crescente presença de brasileiros no Reino Unido tem sido documentada em textos que examinam variadas dimensões da dinâmica de seu viver e conviver na sociedade britânica, contribuindo assim para a melhor compreensão de sua trajetória como imigrante, as estratégias de sobrevivência utilizadas, os desafios encontrados e as conquistas alcançadas, e também com suas relações com o Brasil. Destacam-se, por exemplo, o delineamento de seu perfil sócio-econômico (Evans et al, 2007, 2011, 2015), o exame das práticas culturais (Frangella, 2010), das práticas domésticas e cotidianas (Dias, 2009, 2010), da culinária brasileira como fator de identidade (Brightwell, 2010), do papel da religião e práticas religiosas (Sheringham, 2013; Souza, 2016), assim como do português como língua de herança (Souza, 2010, 2016). Mais recentemente, estudos examinaram também a utilização de serviços de apoio aos brasileiros (Souza e Evans, 2015), as práticas financeiras (Datta and Kaznar, 2018) e violência contra brasileiras (McIlwaine and Evans, 2018).

Assim, a pesquisa reportada aqui vem contribuir para esse esforço de documentar a experiência migratória e pós-migratória de brasileiros no Reino Unido. Ao incorporar questões abordadas em estudos anteriores, busca permitir capturar continuidades, mas inova também ao abordar outros temas como, por exemplo, aspectos da vida cívica, como participação em eleições e uso de serviços consulares, assim como experiência de violência tanto por brasileiros quanto por brasileiras.

Naturalmente, interessa às autoridades brasileiras, tanto no Brasil quanto no Reino Unido, acompanhar e entender os fatores que impulsionem ou cerceiem o desenvolvimento e bem-estar da comunidade brasileira aqui radicada. Espera-se que os resultados obtidos pela pesquisa propiciem subsídios e oportunidades para intervenções positivas em prol dos brasileiros, por meio de sua própria mobilização, e também pelo diálogo e ação conjunta com as autoridades e outros atores sociais, identificando desafios e propondo soluções.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa reportada aqui foi realizada por meio de um levantamento por questionário de brasileiros adultos residentes no Reino Unido por pelo menos seis meses entre novembro de 2019 e abril de 2020. O questionário foi disponibilizado a participantes para auto-preenchimento em dois formatos. O formato digital (online) esteve disponível na plataforma *JISC Online Surveys*, sendo o link de acesso ao mesmo divulgado amplamente ao longo do período da pesquisa nas redes sociais, em outras páginas da internet de interesse da comunidade brasileira no Reino Unido, diretamente via *Whatsapp* a redes pessoais dos realizadores da pesquisa e também na página oficial do Consulado Geral do Brasil em Londres. O questionário foi ainda disponibilizado no formato impresso na sede do Consulado em Londres, sendo distribuído aos brasileiros que visitaram a repartição entre fevereiro e abril de 2020, e também aos brasileiros na região de Liverpool que utilizaram os serviços do consulado itinerante durante um fim de semana em fevereiro.

A amostragem final obtida compreende 2118 questionários válidos, sendo 84% no formato online e 16% no formato impresso. O questionário continha, em sua maior parte, perguntas com opção de respostas já categorizadas, e portanto, as respostas às perguntas abertas foram categorizadas posteriormente¹. Os dados foram analisados utilizando-se medidas estatísticas simples (frequências e porcentagens) mas, quando oportuno, foram também submetidos a testes estatísticos (sobretudo o qui-quadrado(χ^2)), para verificar-se a existência de associação significativa entre variáveis de maior interesse (por exemplo, por meio do cruzamento de dados sobre gênero e idade; gênero e lugar de residência, idade e tempo de permanência, etc).

Acredita-se que essa constitui a maior amostragem já obtida em pesquisas realizadas sobre brasileiros no Reino Unido. Não se pode afirmar categoricamente que seja representativa da comunidade brasileira no Reino Unido como um todo, por não ser randômica. Por exemplo, a utilização de uma plataforma digital pode excluir a participação de quem não dispõe de acesso a equipamento e tecnologia digitais, assim como o uso de redes sociais pode excluir os que nela não estejam inseridos. De qualquer forma, por ser bastante expressiva, é provável que essa amostragem represente as características e experiências de boa parte dos imigrantes brasileiros e brasileiras no Reino Unido em 2020.

3. A POPULAÇÃO BRASILEIRA NO REINO UNIDO

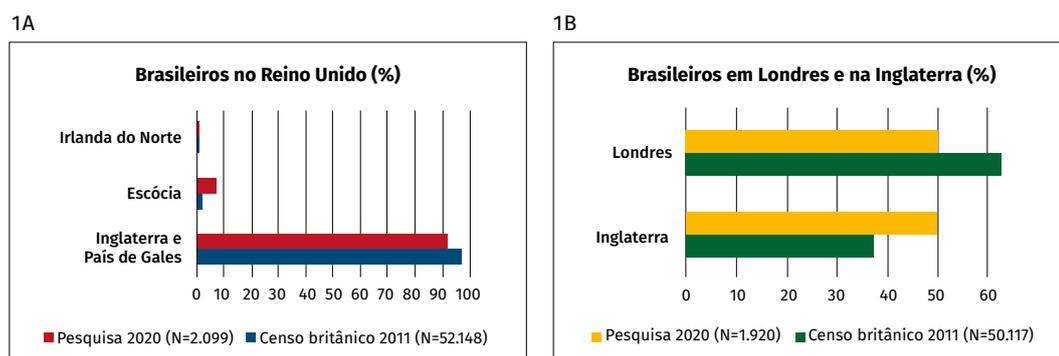
O tamanho real da comunidade brasileira no Reino Unido é tema bastante controverso, marcado pela incerteza sobre sua verdadeira dimensão. Dados do último Censo britânico realizado em 2011 (ONS, 2013) revelaram que cerca de 52.000 indivíduos nascidos no Brasil residiam no Reino Unido naquele ano. Isso contrasta muito com os dados do censo anterior, realizado em 2001, que registrou cerca de apenas 8.000 brasileiros. Contudo, tais números não incluem brasileiros que estivessem no Reino Unido indocumentados, ou seja, sem autorização oficial para permanecer no país (ver por exemplo, Jordan and Duvell, 2002, e Duvell et al, 2018, sobre pesquisas que incluem brasileiros indocumentados). Portanto, embora os dados do censo corroborem a crescente imigração brasileira ao Reino Unido, por si só não permitem dimensionar o real tamanho dessa comunidade. Estimativas levantadas em estudos acadêmicos (Evans et al 2007, 2011, 2015; McIlwaine, Cock and Linneker, 2011), assim como estimativas de autoridades brasileiras, sugerem que, no início da década de 2010, essa população variava entre 80.000 e 300.000

1. Vale lembrar que nem todos os participantes da pesquisa responderam a todas as perguntas do questionário, variabilidade que é registrada, tanto no texto do relatório, quanto nos gráficos, pela letra 'N', que se refere ao número.

brasileiros, incluindo os indocumentados. Outra estimativa, derivada a partir do número de brasileiros registrados no Consulado-Geral do Brasil em Londres, era de uma população por volta de 120.000 (MRE, 2015). Porém, a mais recente estimativa, feita pelo Consulado Geral do Brasil com base em dados oficiais, estudos acadêmicos e registros consulares, é de que cerca de 220.000 brasileiros e brasileiras estejam vivendo no Reino Unido atualmente (documento ostensivo do Consulado Geral do Brasil em Londres).

Em termos da distribuição geográfica no Reino Unido, o Censo Britânico de 2011 mostrou que a maior parte dos brasileiros (50.570) residia na Inglaterra e no País de Gales. Um total de 1.194 brasileiros residiam na Escócia, e outros 384 brasileiros eram residentes na Irlanda do Norte. Contudo, três quintos da população brasileira residiam em Londres (31.357), constituindo a maior parcela da população total no Reino Unido. Refletindo em boa parte os resultados do Censo britânico, os dados da pesquisa de 2020 mostram que a vasta maioria dos brasileiros residia na Inglaterra e País de Gales (92%, gráfico 1A). Dos que residiam na Inglaterra, a maior parcela estava domiciliada na capital londrina (63%, gráfico 1B). Contudo, verifica-se também que do conjunto dos brasileiros que participaram do estudo em 2020, metade residia em Londres, e o restante, em outras regiões da Inglaterra. Isso permite levantar a hipótese de uma maior dispersão da população em relação aos dados do Censo Britânico de 2011, resultado que o novo censo, a ser realizado no Reino Unido em 2021, poderá ou não corroborar.

GRÁFICO 1 - BRASILEIROS NO REINO UNIDO



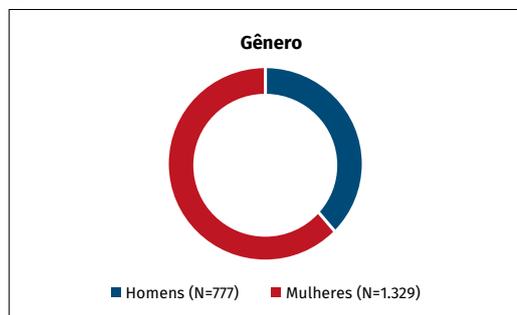
4. PERFIL DEMOGRÁFICO

4.1 GÊNERO

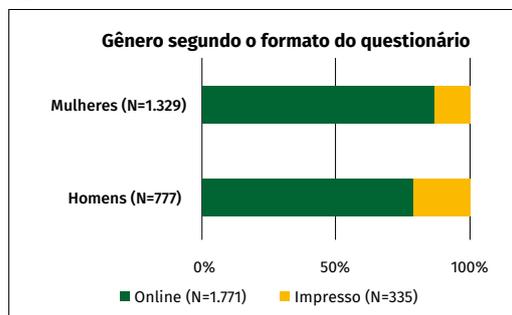
Em termos da participação na pesquisa segundo o gênero, os resultados demonstram a preponderância das mulheres (N= 1329; 63%) sobre os homens (N= 777; 37%), reiterando, desse modo, os resultados obtidos em estudos anteriores (Evans et al 2007, 2011, 2015). Conquanto isto possa evidenciar apenas um maior interesse por parte das brasileiras em participar da pesquisa, não sendo possível afirmar-se que reflita a real divisão por gênero na comunidade brasileira no Reino Unido, vale lembrar que o censo brasileiro de 2010 (IBGE, 2011) registrou que as mulheres perfaziam 54% dos brasileiros vivendo no estrangeiro. Igualmente, o censo britânico de 2011 registrou mais brasileiras (56%) residindo na Inglaterra e no País de Gales, e também mais brasileiras (53%) morando em Londres do que brasileiros (McIlwaine and Bunge, 2016). Conforme mostra o gráfico 2B, em relação à participação na pesquisa segundo o formato do questionário, mais homens (20%) responderam ao questionário impresso do que as mulheres (13%), e inversamente, mais mulheres (87%) responderam ao questionário online do que os homens (80%), resultado que é estatisticamente significativo [$\chi^2 (1, N=2.106)=17.01, p<.05$].

GRÁFICO 2 - GÊNERO

2A



2B

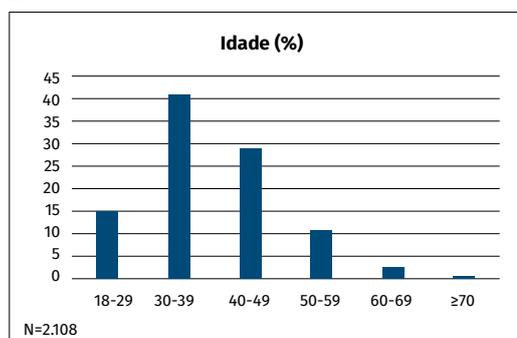


4.2 IDADE

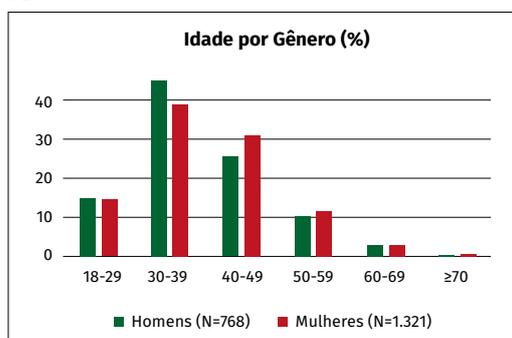
Em relação à distribuição por faixa etária, o gráfico 3A indica que a maior parcela da amostragem corresponde a brasileiros de idades entre 30-39 anos (41%), seguida da faixa dos que tinham entre 40-49 (30%), prevalecendo, assim, grupos de idade mediana. A faixa mais jovem, de idades entre 18-29 anos, abrangeu 15% da amostra total, enquanto um em cada dez brasileiros tinha idades entre 50-59. Em agregado, a menor parcela (4%) correspondeu ao grupo com idades de 60 anos ou mais. Em termos da distribuição das faixas etárias segundo o gênero (gráfico 3B), só houve diferenças notáveis em duas faixas etárias, com predominância dos homens (46%) sobre as mulheres (39%) na faixa de 30-39 anos, e inversamente, a preponderância de mulheres (32%) sobre os homens (26%) na faixa etária de 40-49 anos, não sendo tais diferenças estatisticamente significativas.

GRÁFICO 3 - IDADE

3A



3B

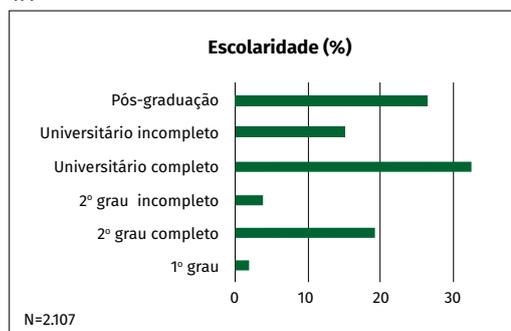


4.3 NÍVEL EDUCACIONAL

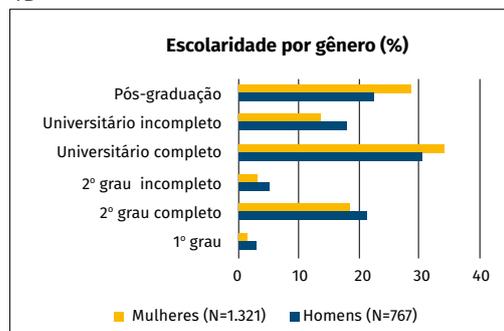
Assim como em estudos anteriores (Evans et al 2011, 2015; Evans, Tonhati e Souza, 2013; McIlwaine, Cock and Linneker, 2011; Souza e Evans, 2015), a pesquisa mostra que os brasileiros no Reino Unido têm um alto nível educacional (gráfico 4A). Em agregado, 75% dos brasileiros tinham formação universitária. Destes, 27% eram pós-graduados, 33% haviam concluído a graduação, e 15% não finalizaram a graduação. Dado que o nível educacional pode ser utilizado como indicador de classe social, um nível elevado sugere que esses brasileiros advêm predominantemente da classe média e classe média baixa no Brasil. Porém, os dados da pesquisa revelam uma certa variabilidade em termos da divisão por gênero segundo o nível educacional (gráfico 4B). A mais expressiva é que mais mulheres (29%) cursaram a pós-graduação do que homens (23%). Observa-se também que mais mulheres (34%) completaram a graduação do que homens (30%), e, inversamente, menos mulheres (14%) do que homens (18%) não concluíram a graduação.

GRÁFICO 4 - ESCOLARIDADE

4A



4B

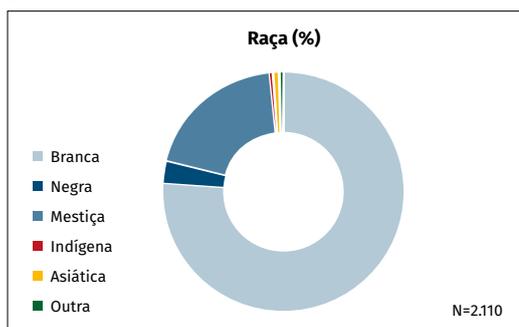


4.4 RAÇA

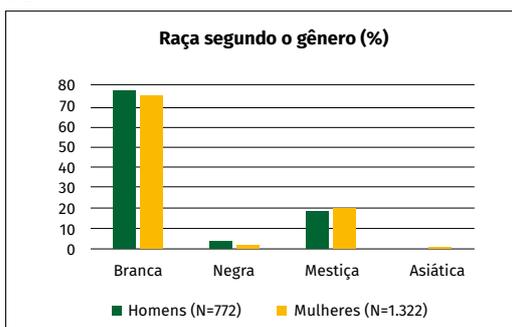
Os participantes da pesquisa elegeram por si mesmos o grupo racial com o qual identificam-se. Como mostram os resultados (gráfico 5A), a grande maioria (76%) identificou-se com a raça branca, ao passo que quase um quinto (19%) identificou-se com a raça mestiça. Pequenas minorias identificaram-se com outros grupos raciais. Esse padrão repete-se em relação à auto-identificação de acordo com o gênero (gráfico 5B), havendo mínima discrepância entre as respostas dos homens e das mulheres.

GRÁFICO 5 - GRUPO RACIAL

5A



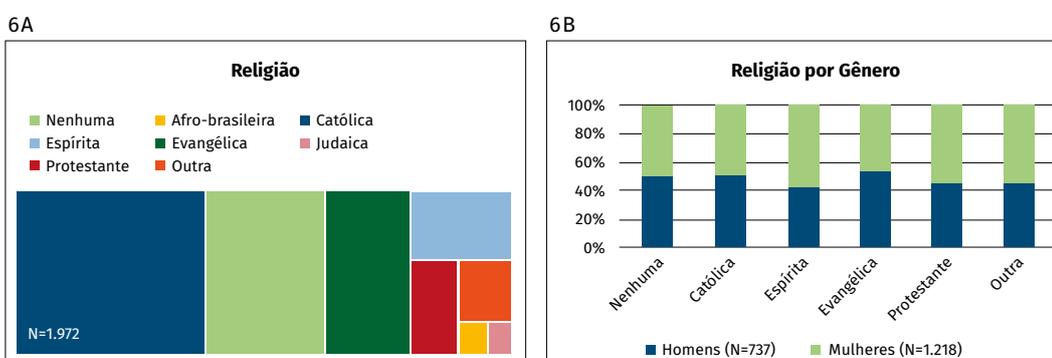
5B



4.5 RELIGIÃO

A pesquisa indagou aos participantes se professavam alguma religião (gráfico 6A). O interesse nesse tópico baseia-se no fato de várias igrejas atuarem no Reino Unido, incluindo igrejas de origem brasileira, que têm um papel fundamental na comunidade, inclusive como espaço de socialização e ajuda mútua, conforme já documentado (Sheringham, 2013; Souza, 2019). Via de regra, as igrejas oferecem não só serviços de cunho religioso, mas propiciam também serviços de suporte mais amplo à sua congregação. Estes incluem espaços para a prática religiosa, o convívio social, atividades culturais, orientação geral (por exemplo, avisos sobre oportunidades de trabalho, moradia), e orientação especializada (acompanhamento psicológico, terapia em grupo, dentre outros). Naturalmente, professar uma religião não implica necessariamente em sua prática de forma institucional (ou seja, frequentar uma igreja) mas certamente pode incentivá-la, propiciando, assim, a oportunidade de socialização.

GRÁFICO 6 - RELIGIÃO



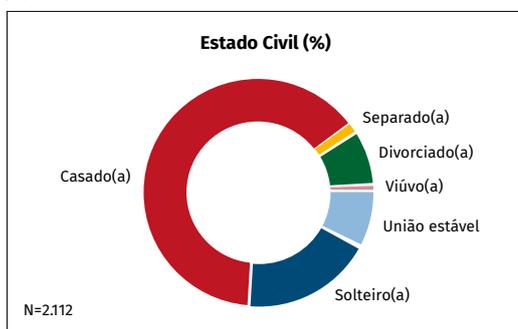
Os dados da pesquisa mostram que quase um quarto (24%) dos brasileiros reportou não professar religião alguma. Contudo, quase dois quintos (39%) reportaram ser católicos, o maior contingente da amostragem. O segundo maior grupo constituiu os que reportaram serem evangélicos (17%), seguido dos que declararam ser espíritas (9%) e protestantes (6%). Outras religiões, em agregado, compunham os restantes 5% da amostragem (afro-brasileira, judaica, islâmica, etc). Não houve diferenças importantes na comparação das respostas entre homens e mulheres quanto a possuírem religião (gráfico 6B).

4.6 ESTADO CIVIL E FAMÍLIA

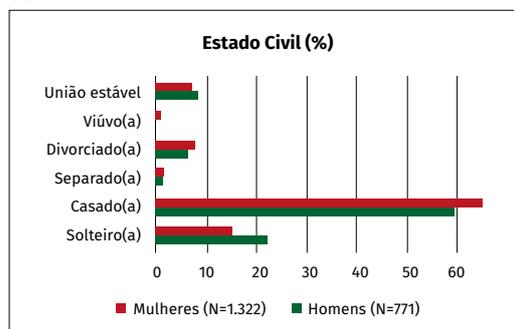
Quase dois terços (63%) dos brasileiros estavam casados, constituindo a maior parcela na amostragem, enquanto 8% declararam estar em uma união estável (gráfico 7A). Quase um quinto (18%) era o do grupo dos solteiros, 8% eram divorciados e o restante reunia separados ou viúvos. Em termos do estado civil segundo o gênero (gráfico 7B), as diferenças mais salientes são entre o grupo dos casados e o dos solteiros. Assim, mais mulheres (66%) eram casadas do que homens (60%), e inversamente, mais homens (23%) do que mulheres (16%) eram solteiros. De qualquer modo, a relação entre estado civil e gênero é estatisticamente significativa [$\chi^2(6, N=2.101)=28.85, p < .05$].

GRÁFICO 7 - ESTADO CIVIL

7A



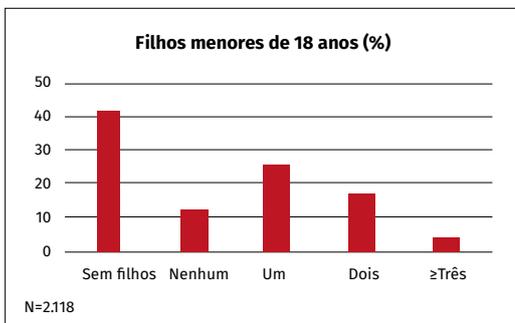
7B



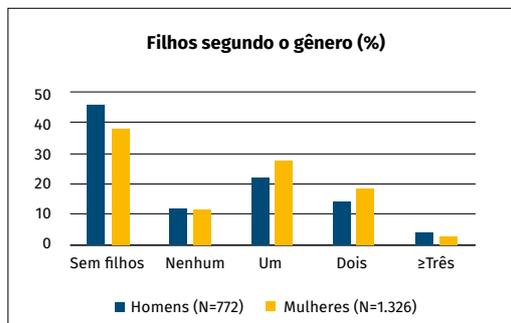
Quase metade dos brasileiros (47%) tinha filhos menores de idade (até 18 anos) no Reino Unido (gráfico 8). Destes, uma maioria (26%) tinha apenas um filho, 17% tinham dois filhos e uma pequena minoria (4%) tinha três ou mais filhos menores. Outros 12% não tinham filhos menores de idade, e quase dois quintos (41%) não tinham filho algum. Na grande maioria dos casos (86%), todos os filhos viviam com os pais. Do restante, em 10% dos casos, nenhum dos filhos residia com os pais, enquanto em 4% dos casos, nem todos os filhos moravam com os pais.

GRÁFICO 8 - FILHOS

8A



8B



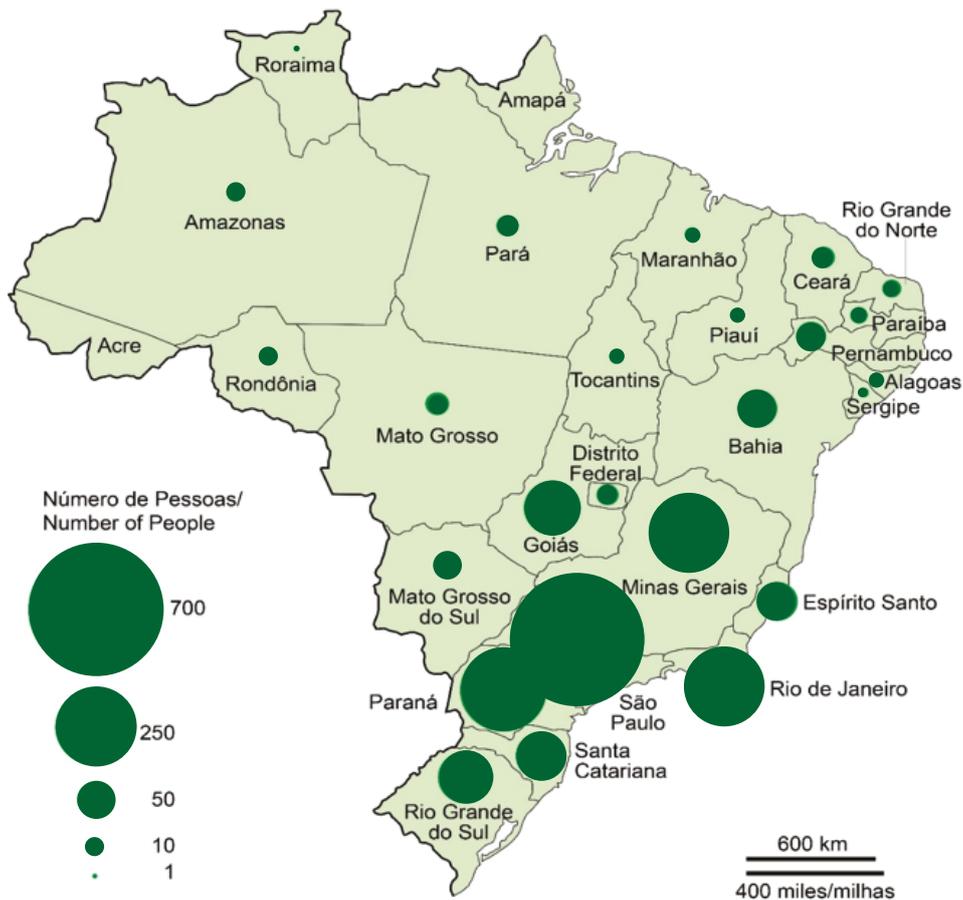
A análise das repostas segundo o gênero (gráfico 8B) mostrou diferenças estatisticamente significativas [$\chi^2(4, N=2.105)=22.48, p < .05$]. Desse modo, mais homens (46%) declararam não ter filhos do que mulheres (38%), porém, mais mulheres (28%) do que homens (22%) tinham um filho menor de idade. Ainda, mais mulheres (19%) do que homens (15%) tinham dois filhos menores de idade.

5. IMIGRAÇÃO PARA O REINO UNIDO

5.1 ORIGEM NO BRASIL

Em relação à origem no Brasil segundo o local de nascimento, os resultados da pesquisa mostram que os brasileiros eram provenientes de 25 das 27 unidades federativas do país, evidenciando, assim, a diversidade de áreas de emigração. Contudo, conforme mostra o Mapa 1, a região Sudeste do país destaca-se como pólo regional de emigração, sendo a região de origem de mais da metade dos pesquisados (57%). Ademais, destaca-se o estado de São Paulo como estado de origem de um terço dos brasileiros nessa região, configurando a maior parcela de toda a amostragem, que é também bem superior à parcela dos originários do Rio de Janeiro (11%), Minas Gerais (10%) e Espírito Santo (3%), os outros três estados que compõem a região. Ainda em termos regionais, destaca-se também o Sul do país, de onde originou-se quase um quarto dos pesquisados (24%), sendo a parcela dos oriundos do Paraná a mais numerosa (14%). Os estados de Goiás (6%) e Bahia (3%) foram as únicas outras unidades federativas responsáveis por parcelas um pouco mais expressivas (superior a 1%). De modo geral, esses resultados reiteram os obtidos em estudos anteriores (Evans et al, 2007, 2011, 2015), ressaltando a importância da região sudeste como pólo de emigração, e nesta, a proeminência de São Paulo.

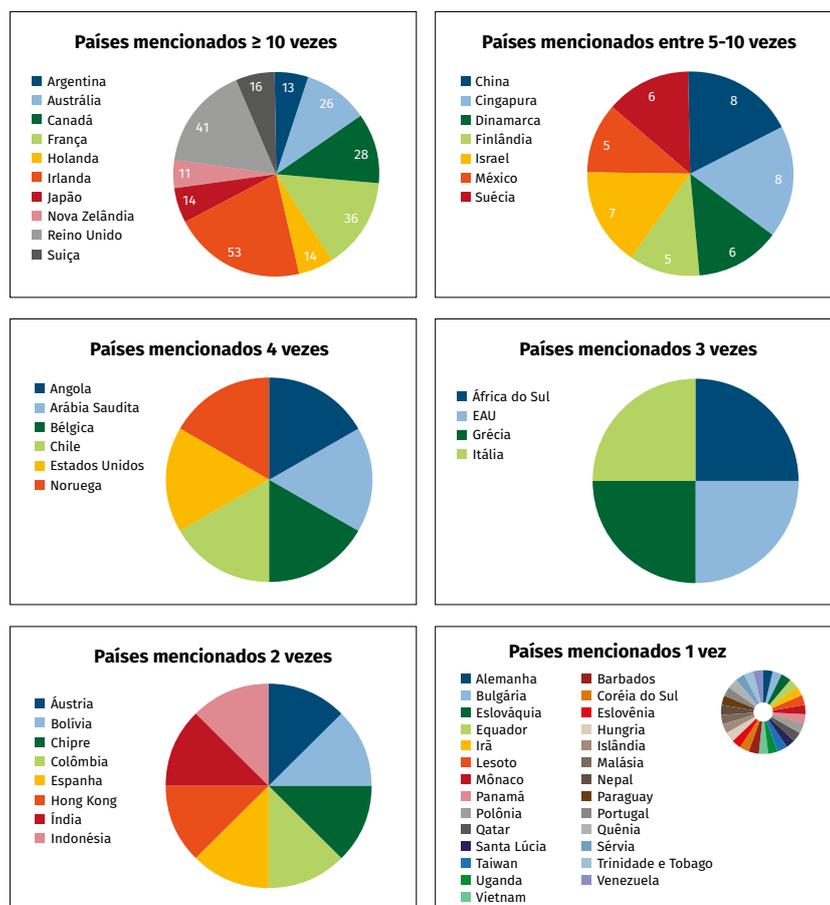
MAPA 1 - ORIGEM NO BRASIL POR UNIDADE FEDERATIVA



5.2 EXPERIÊNCIA PRÉVIA DE IMIGRAÇÃO

A imigração para o Reino Unido foi para quase três quintos dos brasileiros (57%) a primeira vez que haviam deixado o Brasil para residir no estrangeiro. Dos que haviam imigrado anteriormente, dois quintos (40%) nomearam os países onde haviam residido (gráfico 9A). Um total de 72 países foram mencionados. Destacam-se, por exemplo, a Irlanda, como o mais mencionado, seguida do Reino Unido, França, Canadá e Austrália. Mais homens (48%) do que mulheres (40%) já haviam imigrado anteriormente, resultado que é estatisticamente significativo [$\chi^2(1, N=2.092)=10.59, p<.05$].

GRÁFICO 9 - PAÍSES DE RESIDÊNCIA ANTERIOR (N)



5.3 MOTIVO DA IMIGRAÇÃO

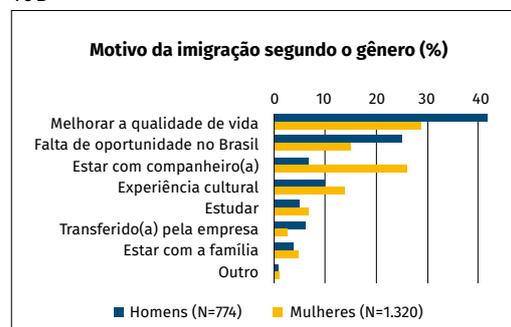
Os brasileiros apontaram vários motivos para imigrarem para o Reino Unido (gráfico 10A). Observa-se que a maior parcela dos brasileiros imigrou com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida (33%). A falta de oportunidade no Brasil foi apontada como o principal motivo por quase um quinto da amostragem (19%), e parcela idêntica mudou-se para o Reino Unido para estar com seu cônjuge ou companheiro(a). Cerca de um em cada dez (12%) imigrou para viver uma experiência cultural (incluindo aprender o idioma), e uma menor proporção imigrou explicitamente para fazer um curso de pós-graduação (7%). Uma parcela menor ainda compreendia os brasileiros que foram transferidos para o Reino Unido por sua empresa (4%), assim como os que imigraram para estar com a família (4%). A parcela dos que apontaram um outro motivo foi a menor de todas na amostragem (1%), e incluía, por exemplo, os que haviam imigrado para cumprir uma missão religiosa (líderes religiosos, como pastores e padres).

GRÁFICO 10 - MOTIVO DA IMIGRAÇÃO

10A



10B

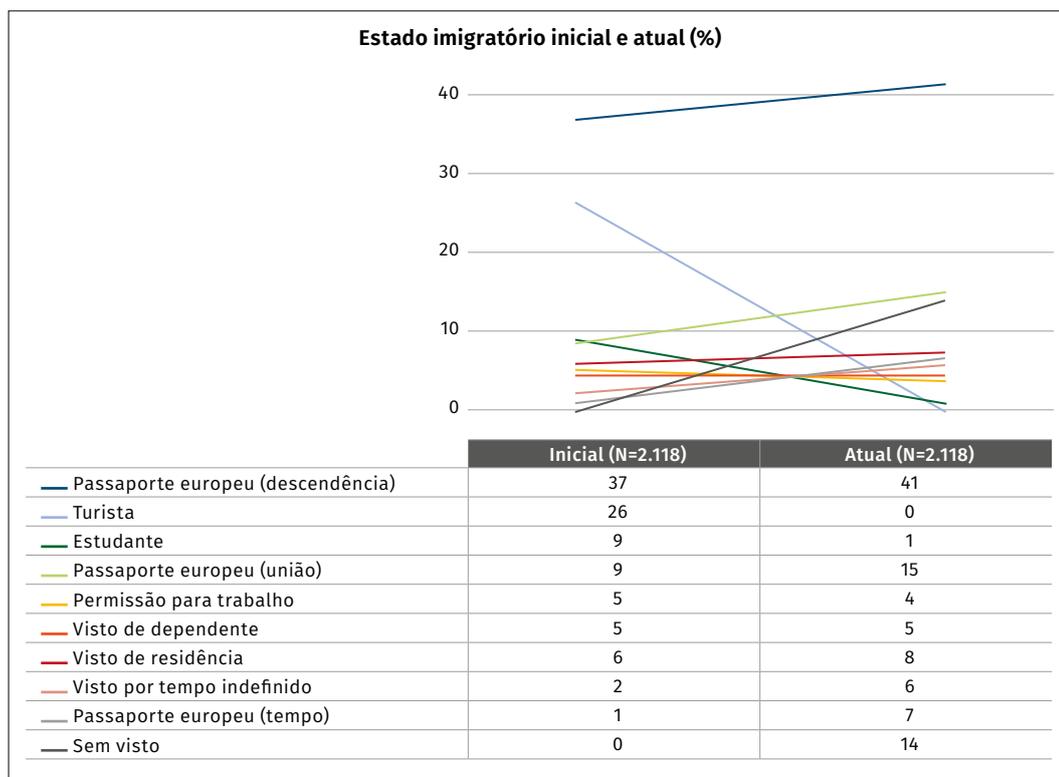


Houve diferenças estatisticamente significativas na comparação dos motivos para a imigração de acordo com o gênero [$\chi^2(8, N=2.094)=161.63, p<.05$]. Assim, como mostra o gráfico 10B, muito mais homens (42%) do que mulheres (29%) imigraram em busca de uma vida melhor. Igualmente, os homens (25%) mais do que as mulheres (15%) identificaram a falta de oportunidade no Brasil como motivo para imigrarem. Também mais homens (6%) do que mulheres (3%) haviam sido transferidos pela empresa. As mulheres predominaram em todas as outras categorias de resposta, e muito marcadamente quanto à imigração motivada para estar com o companheiro, compreendendo pouco mais de um quarto de todas as mulheres na amostragem (26%), em contraste com uma pequena minoria dos homens que apontaram esse motivo para imigrar (7%).

5.4 SITUAÇÃO IMIGRATÓRIA

As leis de imigração no Reino Unido têm passado por mudanças contínuas nas duas últimas décadas, refletindo uma preocupação crescente da sociedade e do governo quanto ao papel dos imigrantes na economia do país, em relação à competição por vagas no mercado de trabalho, o acesso aos benefícios oferecidos pelo estado e o uso de serviços públicos. Durante a última década, sobretudo, houve um acirramento da tentativa de controlar o fluxo de imigrantes originários de países não vinculados à União Europeia, e também de localizar e remover imigrantes indocumentados, ou ainda, coagi-los a deixar o país por sua própria iniciativa por meio da política ostensiva de criação de um ‘ambiente hostil’ aos mesmos (Consterdine, 2018). No contexto de mudanças contínuas nas leis de imigração, estrangeiros e imigrantes deparam-se com ampla gama de vistos para entrada e permanência no Reino Unido que, por sua vez, dão origem a diversos estados imigratórios, que tendem a mudar ao longo do tempo. O gráfico 11 ilustra o estado imigratório dos brasileiros em dois momentos de sua trajetória de imigrante no Reino Unido: o do momento de admissão ao país, de acordo com o documento utilizado, ou visto concedido, e o estado imigratório no momento da participação da pesquisa.

GRÁFICO 11 - ESTADO IMIGRATÓRIO



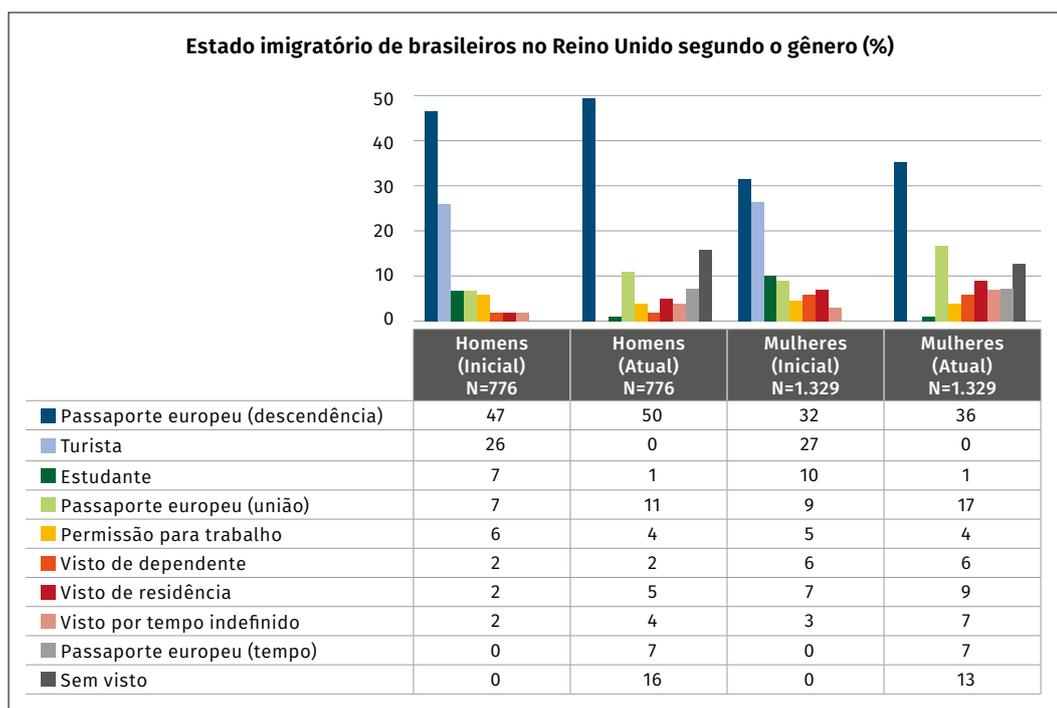
Conforme mostra o gráfico 11, mais de um terço dos brasileiros foram admitidos ao Reino Unido utilizando passaporte europeu obtido por descendência, a maior parcela da amostragem. Contudo, quase um em dez brasileiros também portava um passaporte europeu obtido por união com cidadão europeu, e outra parcela, ainda que minoritária, também portava passaporte europeu outorgado por tempo de permanência em um país europeu. Portanto, em agregado, pouco menos da metade dos brasileiros (47%) foi admitida ao Reino Unido utilizando um passaporte europeu. Dos que declaram portar um passaporte europeu por descendência (N=771), 67% haviam sido concedidos pela Itália e 20% por Portugal. Dos que declararam possuir um passaporte europeu obtido por união com cidadão europeu (N=177), 42% portavam passaporte emitido pela Itália (42%), e 35% portavam passaporte concedido por Portugal. Quanto às outras categorias de vistos obtidos no momento da admissão ao Reino Unido, destacam-se os que receberam o visto de turista, representando a segunda maior parcela da amostragem, seguidos dos que haviam recebido o visto de estudante.

Em termos das mudanças no estado imigratório dos brasileiros, observa-se no gráfico 11 o incremento da parcela dos brasileiros que possuíam passaporte europeu em virtude de descendência, seguido do aumento do contingente dos que haviam obtido passaporte europeu por meio de união, e também do grupo dos que haviam obtido visto por tempo de permanência em país europeu. Portanto, em agregado, quase dois terços (64%) dos pesquisados possuíam passaporte europeu (incluindo-se o britânico) à época da pesquisa, um aumento de 38% em relação aos que detinham um passaporte europeu no momento de admissão ao Reino Unido. Tal mudança evidencia uma clara estratégia pelos brasileiros de buscar alternativas que propiciem sua permanência no Reino Unido sob condições menos restritivas, como as propiciadas pelo passaporte europeu. Houve pouca mudança em termos dos que possuíam passaporte europeu por descendência no período da pesquisa, de modo que Portugal (67%) e Itália

(21%) mantiveram-se como principais países outorgantes. Contudo, houve mudança mais marcada no contingente dos que adquiriram passaporte europeu em virtude de união com cidadão europeu. Embora Portugal figurasse como um importante país outorgante de cidadania por união (20%), foi superado pelo Reino Unido (35%) e a Irlanda (32%), que emergiram como principais países outorgantes. O Reino Unido também surgiu como principal país outorgante de cidadania europeia por tempo de permanência (73%), seguido distantemente de Portugal (17%). Em relação aos outros tipos de vistos, observam-se também outras duas mudanças: a ausência da categoria *visto de turista* (normalmente concedido por um período máximo de seis meses), e o surgimento da categoria *sem visto*, fenômeno também observado em estudos anteriores (Evans et al, 2007, 2011; ver também Jordan and Duvell, 2002 e Duvell, et al, 2018 sobre pesquisas de imigrantes indocumentados que inclui brasileiros).

A análise do estado migratório segundo o gênero, tanto no período inicial, quanto no momento atual, revelou diferenças estatisticamente significativas [inicial: $\chi^2(9, N=2.105)=78.33, p<.05$; atual: $\chi^2(9, N=2.106)=67.47, p<.05$]. Conforme mostra o gráfico 12, no período inicial, os homens predominaram em duas categorias: os que possuíam passaporte europeu por descendência, e os que tinham visto de permissão para trabalho. A proporção dos que obtiveram visto de turista é quase a mesma para homens e mulheres. As demais proporções de homens e mulheres nas outras categorias de visto não exibem grande diferencial. Já no período atual, mais homens do que mulheres haviam obtido passaporte europeu por descendência do que mulheres, sendo essa a única categoria em que os homens predominaram. Igualmente, observa-se a ausência da categoria *visto de turista* tanto entre homens quanto mulheres, e o decréscimo acentuado do *visto de estudante* entre homens e mulheres. Houve também um acréscimo na proporção dos que obtiveram o passaporte europeu por meio de união, que é muito mais acentuado no caso das mulheres. Parcelas idênticas de homens e mulheres reportaram possuir passaporte europeu por tempo de permanência, enquanto mais homens do que mulheres declararam estar sem visto, embora essa diferença seja pequena.

GRÁFICO 12 - MUDANÇA NO ESTADO MIGRATÓRIO

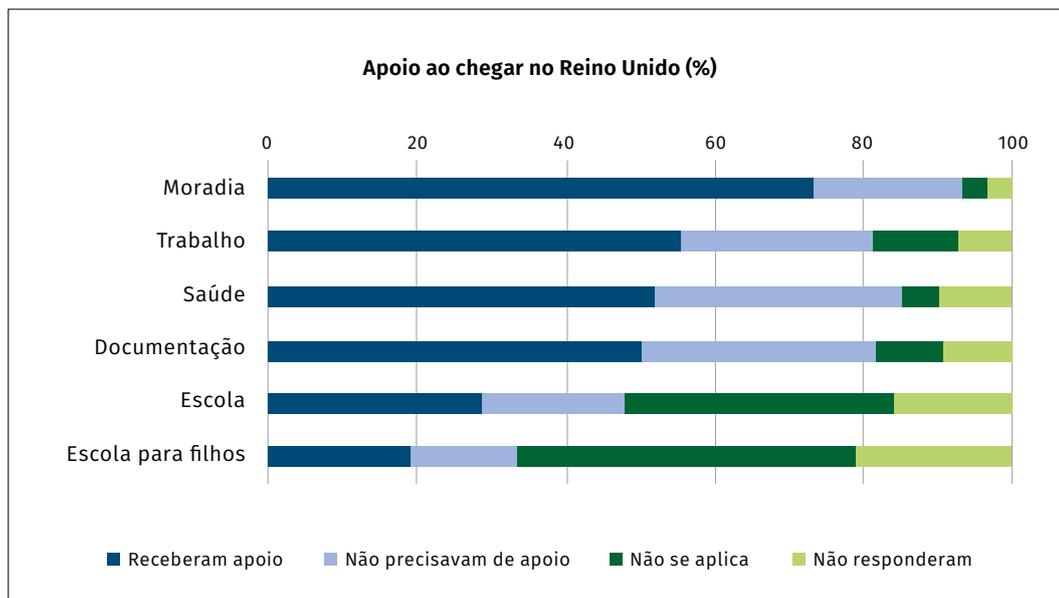


5.5. CONTATO PRÉVIO COM RESIDENTES NO REINO UNIDO E ASSISTÊNCIA INICIAL

A grande maioria dos brasileiros (75%) conhecia alguém que havia residido ou estava residindo no Reino Unido à época em que migraram, não havendo diferença significativa entre homens (73%) e mulheres (76%). A categoria de pessoas conhecidas mais citada foi a de amigos (40%), seguida da de parentes (17%), família (15%), conhecidos (15%) e cônjuges ou companheiros (13%). Em termos da distribuição das respostas segundo o gênero, as mulheres predominaram em todas as categorias.

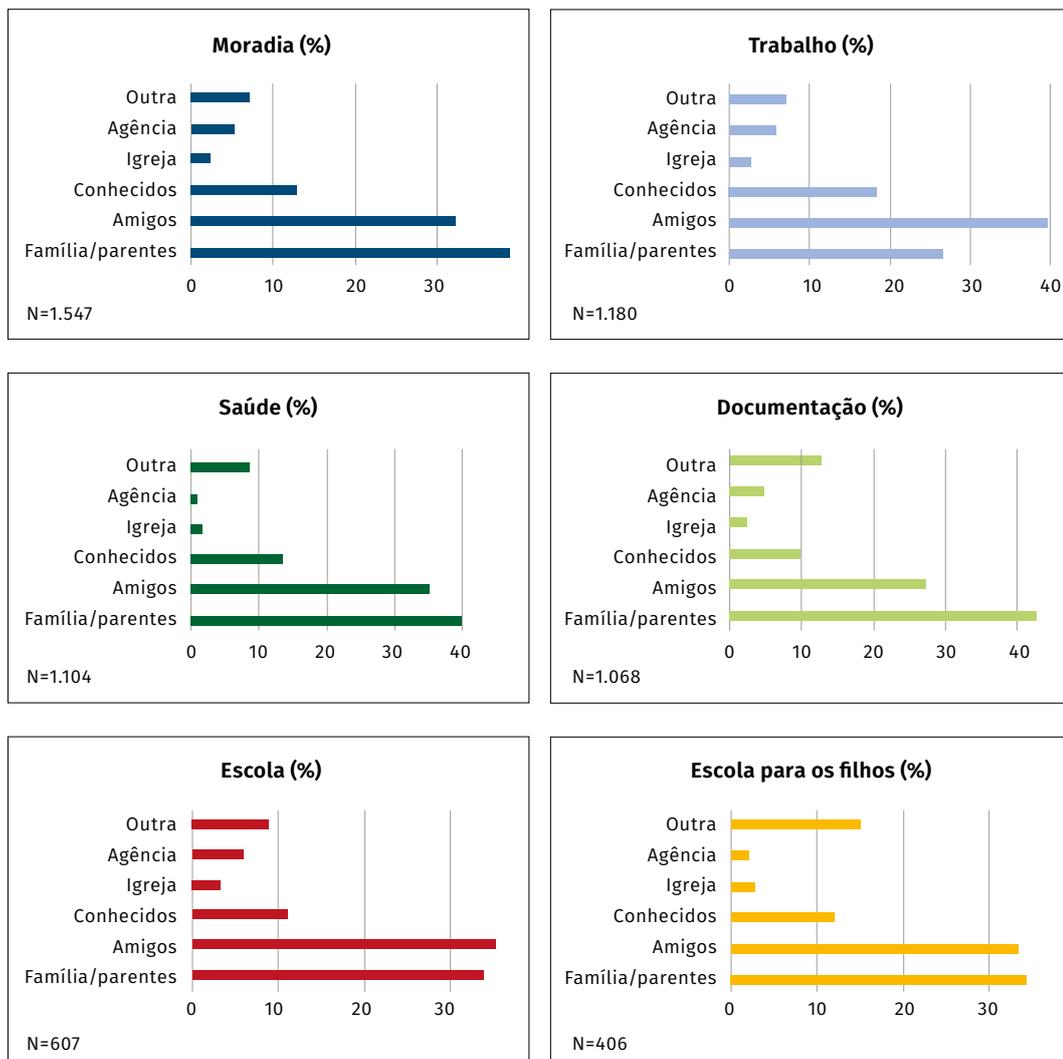
A pesquisa também registrou o tipo de apoio recebido pelos brasileiros para enfrentar a vida no Reino Unido logo após sua chegada. O gráfico 13 resume as respostas obtidas quanto ao apoio recebido para lidar com assuntos específicos. Conforme se pode observar, a grande maioria dos brasileiros reportou ter recebido ajuda para encontrar moradia (73%). Pouco mais da metade dos pesquisados também reportou receber auxílio para encontrar trabalho (56%), assim como acessar serviços de saúde (52%). Exatamente metade da amostragem havia recebido suporte para obter a documentação necessária para engajar-se no cotidiano britânico. Cerca de três em cada dez brasileiros (29%) reportaram receber ajuda para acessar escola para si (por exemplo, para estudar inglês), e menos de um quinto (19%) recebeu ajuda para acessar escola para seus filhos. Vale ressaltar que, como mostra o gráfico, nem todos responderam a pergunta, e nem todos os temas eram relevantes aos pesquisados.

GRÁFICO 13 - ASSISTÊNCIA NA FASE INICIAL NO REINO UNIDO



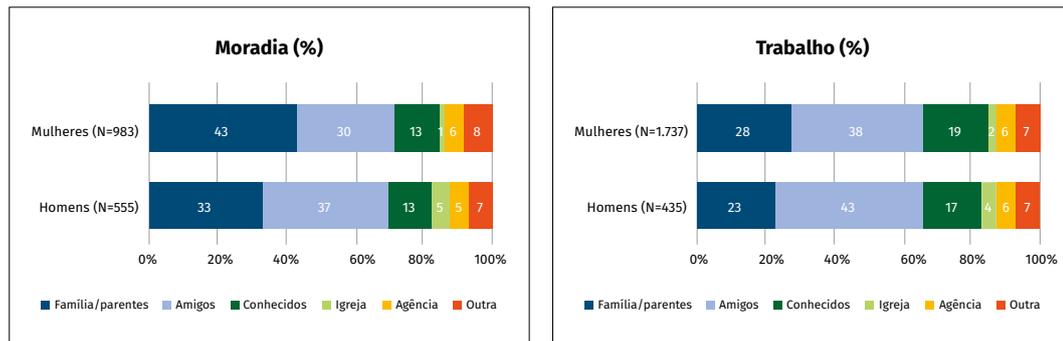
O gráfico 14 sintetiza as várias fontes de apoio recebido segundo assuntos específicos. Os dados evidenciam o papel das redes de amigos e da família/parentes como as principais fontes de apoio aos brasileiros no início de sua nova vida no Reino Unido (ver também Dias e Martins Jr, 2018).

GRÁFICO 14 - ASSISTÊNCIA RECEBIDA DURANTE O PRIMEIRO MÊS NO REINO UNIDO

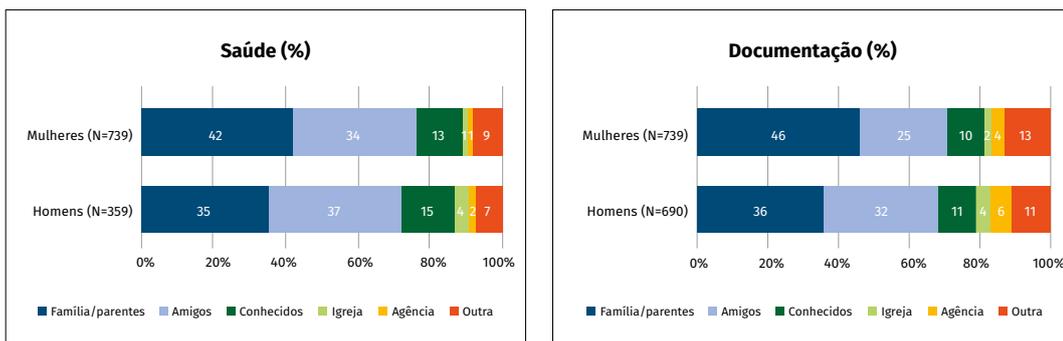


O gráfico 15, por sua vez, ilustra o apoio recebido segundo o gênero. Evidencia-se, novamente, o papel importante das redes de família/parentes e amigos em apoiar os brasileiros recém-chegados ao Reino Unido. Observam-se, também, diferenças entre homens e mulheres em relação a todas as fontes de apoio recebido. À exceção da ajuda recebida para encontrar trabalho, as diferenças entre homens e mulheres sobre a ajuda recebida para tratar de outros assuntos são estatisticamente significativas.

GRÁFICO 15 - APOIO RECEBIDO SEGUNDO O GÊNERO

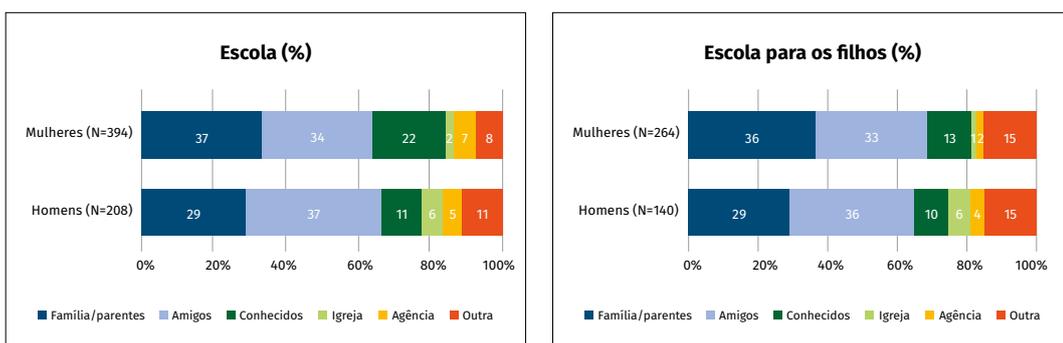


[$\chi^2(5, N=1.538)=29.97, p<.05$]



[$\chi^2(5, N=1.098)=20.76, p<.05$]

[$\chi^2(5, N=1.060)=17.71, p<.05$]



[$\chi^2(5, N=602)=13.37, p<.05$]

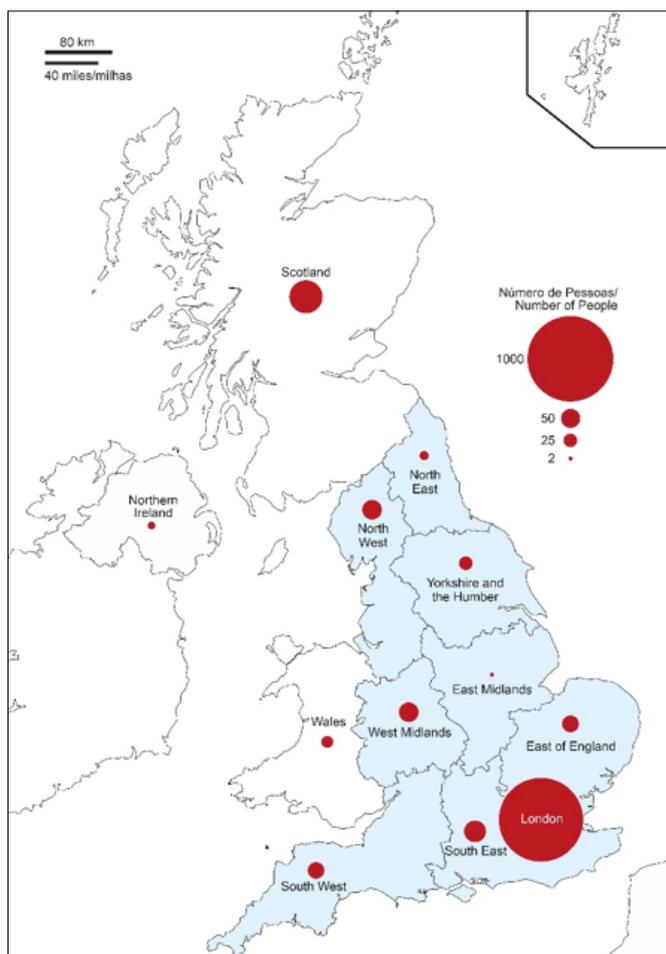
[$\chi^2(5, N=404)=12.78, p<.05$]

6. RESIDÊNCIA

6.1 DOMICÍLIO NO REINO UNIDO

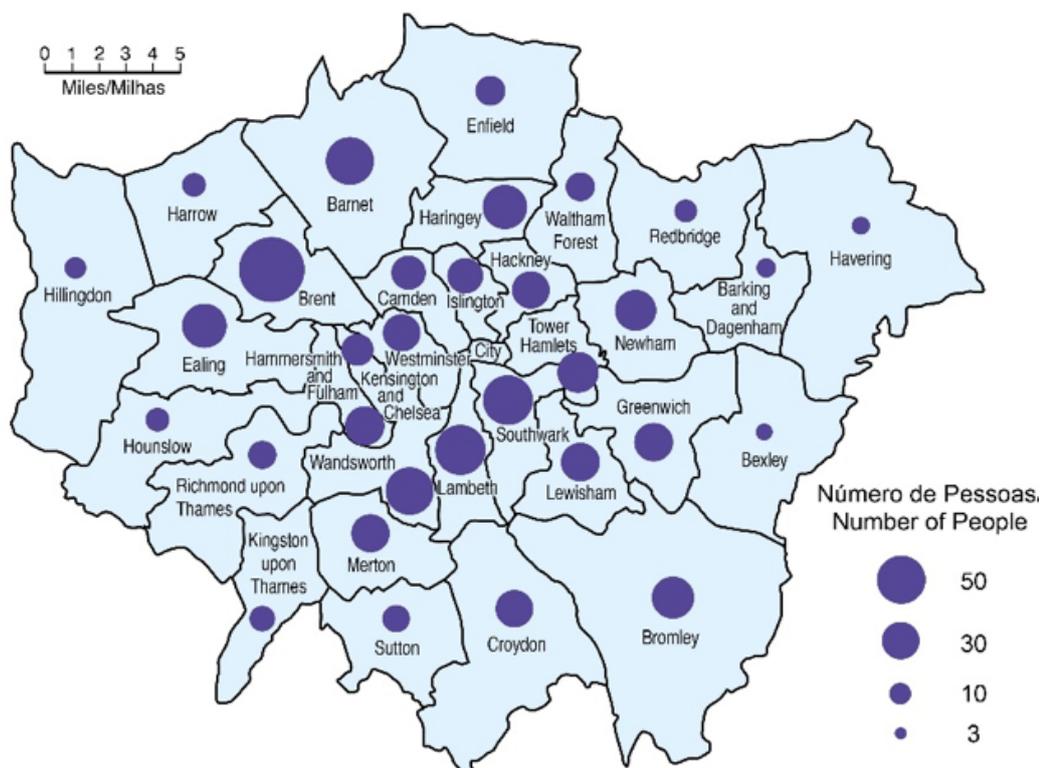
Os dados da pesquisa mostram que havia brasileiros residindo nos quatro países que compõem o Reino Unido (Mapa 2). Contudo, conforme observado anteriormente (seção 3), a maior parte estava domiciliada na Inglaterra. Destes, metade residia em Londres e a outra metade estava distribuída pelo país. O Mapa 2 ilustra as regiões na Inglaterra em que residiam os brasileiros que revelaram seu domicílio. Fora de Londres, observa-se, por exemplo, um maior número de brasileiros nas regiões *Northwest* (que abriga as cidades de Liverpool, Manchester), *West Midlands* (sede de Birmingham e Coventry), e *South East*, a segunda maior região por população no país (que abrange Brighton, Portsmouth e Southampton). Observa-se também números próximos de brasileiros residindo na região *Southwest* (em que se localiza Bristol, sua maior cidade), e também em *East of England* (onde encontra-se Cambridge). Grupos menores residiam em *Yorkshire and Humber* (sede de Leeds, Sheffield e York) e *North East* (que abriga Newcastle). A região com o menor número de brasileiros na amostragem foi *East Midlands* (onde Leicester é a maior cidade). Praticamente não houve diferença na distribuição geográfica segundo o gênero. Assim, 49% dos homens e 50% das mulheres residiam em Londres, e 51% dos homens e 50% das mulheres residiam na Inglaterra.

MAPA 2 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE BRASILEIROS NO REINO UNIDO



Em relação aos brasileiros que reportaram residir em Londres, o Mapa 3 evidencia sua presença em todos os 33 bairros da capital londrina, tanto nos bairros do cinturão interno (*Inner London*), quando no cinturão externo (*Outer London*). Observa-se sua maior concentração no bairro de Brent, no noroeste da cidade, dado já registrado em estudos anteriores (Evans et al, 2007, 2011, 2015). Porém, o dado mais notável é mesmo a presença dos brasileiros pela cidade toda, não havendo diferenças significativas entre mulheres e homens quanto à sua distribuição pela capital londrina.

MAPA 3 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE BRASILEIROS EM LONDRES

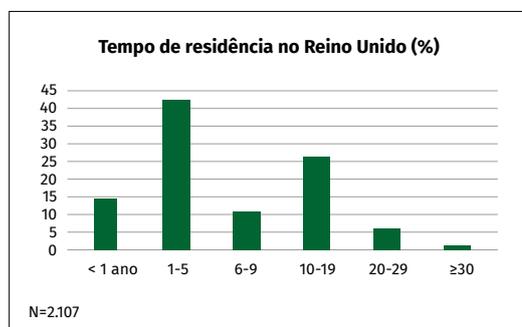


6.2 TEMPO DE RESIDÊNCIA NO REINO UNIDO

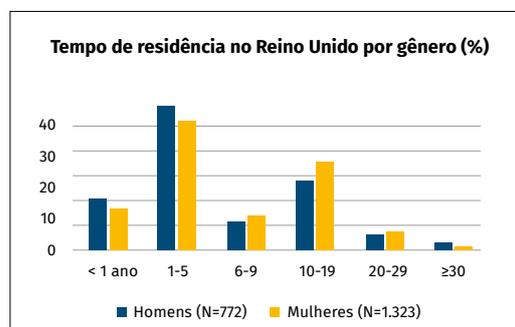
Os dados da pesquisa quanto ao tempo de residência no Reino Unido não permitem discernir um padrão óbvio (gráfico 16A). Por exemplo, a maior parcela na amostragem (pouco mais de dois quintos), era a dos brasileiros que residiam no país entre 1-5 anos (43%). No entanto, o segundo maior grupo (acima de um quarto), era o dos que residiam no país entre 10-19 anos. A este segue-se o grupo dos recém-chegados, que residiam no Reino Unido há menos de um ano (14%), enquanto um em cada dez (10%) residia no país entre 6-9 anos. Os menores grupos residiam no país há mais de duas décadas (20-29 anos, 6%; 20 anos ou mais, 1%). Em agregado, porém, mais de dois terços (67%) dos pesquisados residiam no país entre um e dez anos, enquanto um terço (33%) era residente há mais de dez anos. Quanto ao tempo de permanência por gênero (gráfico 16B), os homens predominaram sobre as mulheres apenas em dois períodos (até um ano, e também entre 1-5 anos), sendo esse resultado estatisticamente significativo [$\chi^2(5, N=2.095)=15.58, p<.05$].

GRÁFICO 16 - TEMPO DE RESIDÊNCIA

16A



16B



6.3 MORADIA

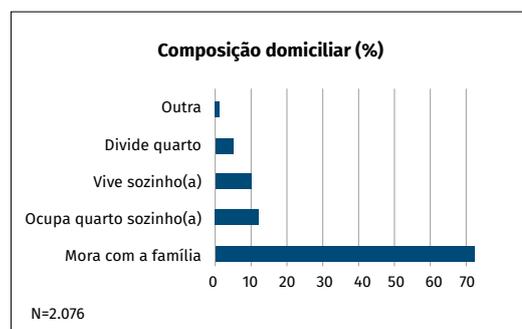
Em termos de moradia, mais de três quartos dos brasileiros (78%) reportaram serem inquilinos, enquanto os restantes 21% eram proprietários. Esse dado contrasta, por exemplo, com os 64% de todos os lares na Inglaterra que eram de proprietários entre 2017-2018 (MHCLG, 2019). A análise de moradia segundo o gênero mostrou que mais homens (85%) do que mulheres (75%) eram inquilinos, e, inversamente, mais mulheres (25%) eram proprietárias do que eram os homens (15%), diferença que é estatisticamente significativa [$\chi^2(1, N=2.070)=30.27, p<.05$].

6.4 COMPOSIÇÃO DOMICILIAR

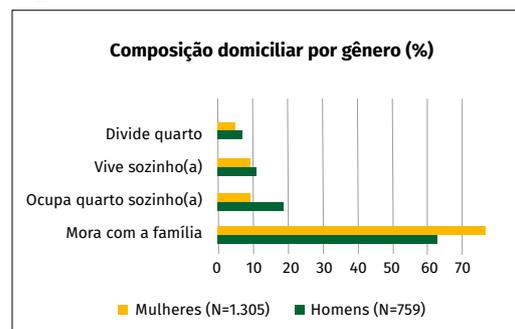
Conforme mostra o gráfico 17A, em sua maior parte, os brasileiros moravam apenas com membros de sua família (72%), sem dividir a moradia com mais ninguém. Cerca de um em cada dez (12%) ocupava um quarto sozinho(a) em acomodação compartilhada, e também um em cada dez (10%) vivia sozinho(a), sem dividir sua moradia. Apenas uma pequena minoria (5%) dividia seu quarto em habitação também compartilhada. Dos que dividiam moradia, 45% compartilhavam habitação com brasileiros, e 55% com não-brasileiros. A análise da composição familiar segundo o gênero (gráfico 17B) revelou que as mulheres (77%) mais que os homens (63%) viviam em família (incluindo unidades familiares compostas apenas do casal). Já os homens predominaram em todas as outras categorias (marcadamente o grupo dos que tinham seu próprio cômodo em habitação compartilhada), resultado que é estatisticamente significativo [$\chi^2(4, N=2.064)=62.38, p<.05$].

GRÁFICO 17 - COMPOSIÇÃO DOMICILIAR

17A



17B



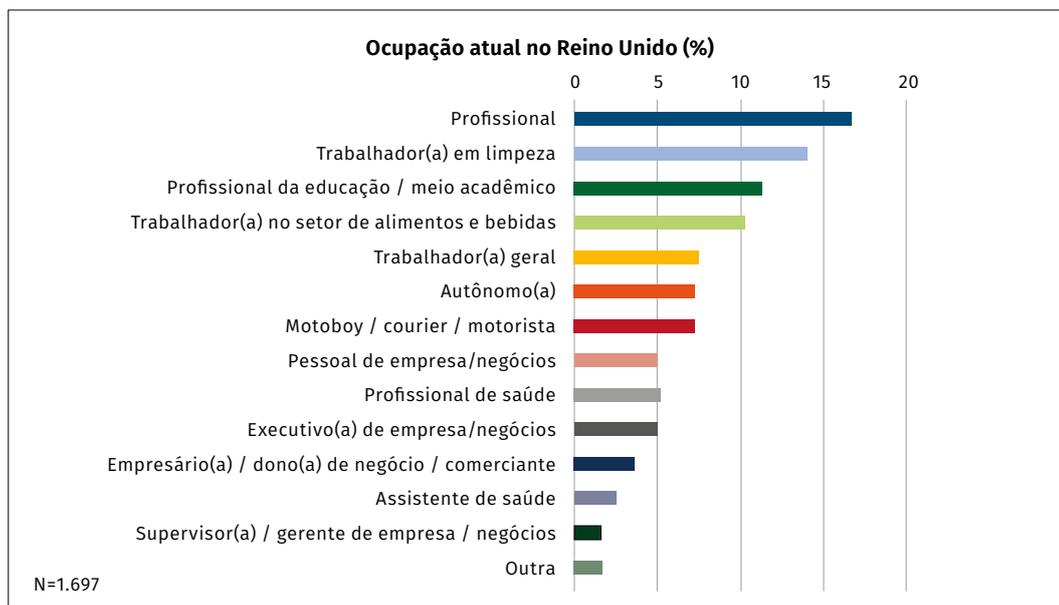
7. ATIVIDADE ECONÔMICA

7.1 OCUPAÇÃO ATUAL NO REINO UNIDO

Conforme visto anteriormente, quase metade dos brasileiros pesquisados (49%) havia imigrado para o Reino Unido em busca de uma melhor qualidade de vida, e também pela falta de oportunidade no Brasil. Os dados da pesquisa mostram que a grande maioria dos brasileiros (81%) exercia atividade remunerada no Reino Unido à época em que responderam ao questionário. O restante da amostragem (19%) era composta dos que dependiam de outra fonte de renda. Destes, a maioria (64%) compartilhava da renda de cônjuge ou companheiro(a) no Reino Unido, outros 18% dependiam de renda no Brasil, uma pequena minoria dependia de benefícios do governo britânico (5%). A menor parcela era composta de estudantes que recebiam bolsa de estudo (2%) e, um em cada dez vivia de outras fontes de renda (aposentadoria, família, amigos, empréstimos, poupança, etc).

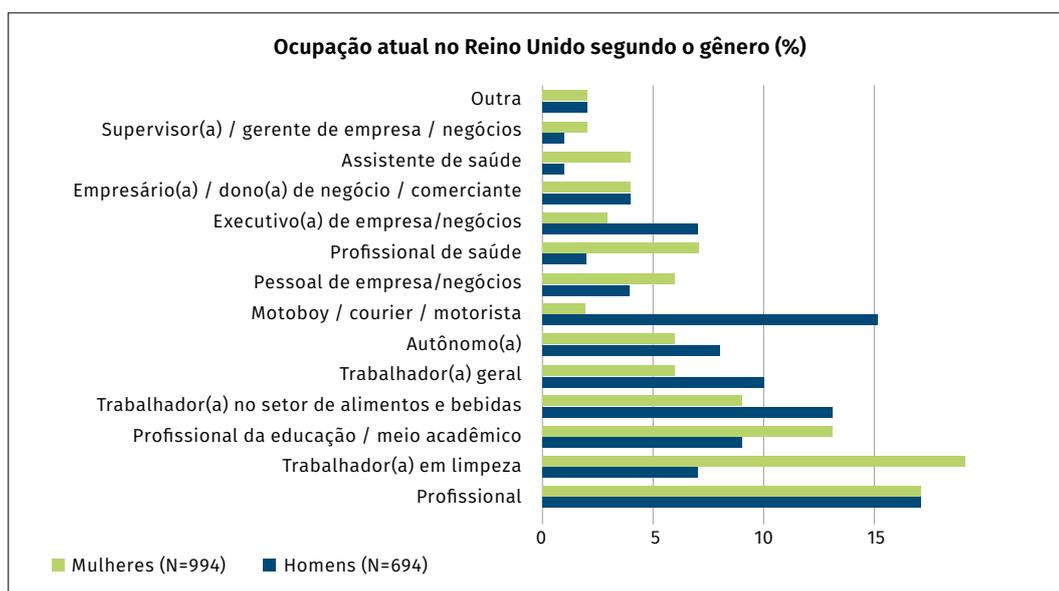
Dentre os brasileiros que exerciam atividade remunerada, os autônomos eram uma minoria (11%), assim como os donos-de-negócio (5%). Dos brasileiros que recebiam salário, a maior parcela (29%) declarou ter obtido seu atual emprego utilizando a mídia social. Cerca de um quinto (21%) havia recebido ajuda de amigos para obter seu atual emprego, seguidos dos que haviam recorrido a uma agência de empregos (12%), enquanto um em cada dez havia obtido trabalho por meio de um conhecido. Cerca de 13% reportaram ter utilizado outros meios (diretamente com a firma, candidatando-se a processo de seleção, e transferência pela firma no Brasil). O gráfico 18A mostra as diversas ocupações exercidas pelos brasileiros no Reino Unido no período da pesquisa, evidenciando grande variedade no perfil ocupacional. Verifica-se que o maior contingente na amostragem é o dos brasileiros que declararam serem profissionais (17%, incluindo-se arquitetos, advogados, engenheiros, designers, etc), ao qual se segue a parcela dos que trabalhavam em limpeza (14%), a dos profissionais da educação e meio acadêmico (11%) e também a dos trabalhadores no setor de alimentos e bebidas (10%). Em agregado, essas parcelas representam mais da metade da amostragem. Contudo, agregando-se as ocupações de acordo com diferentes critérios, observam-se outras predominâncias. Por exemplo, a parcela dos profissionais, somada à dos executivos (assumindo-se um certo nível de qualificação) corresponde a 38% de toda a amostragem, enquanto que a dos trabalhadores em ocupações elementares (na limpeza, no setor de alimentos e bebidas, transportadores, assistentes de saúde, e trabalhadores gerais) é responsável por dois quintos (41%). O restante da amostragem (assumindo-se nível de qualificação variável) compunha-se de trabalhadores autônomos (7%), pessoal de empresa/negócios (5%), empresários/donos de negócio/comerciantes (4%) e supervisores e gerentes de empresa ou negócios.

GRÁFICO 18A - OCUPAÇÃO NO REINO UNIDO



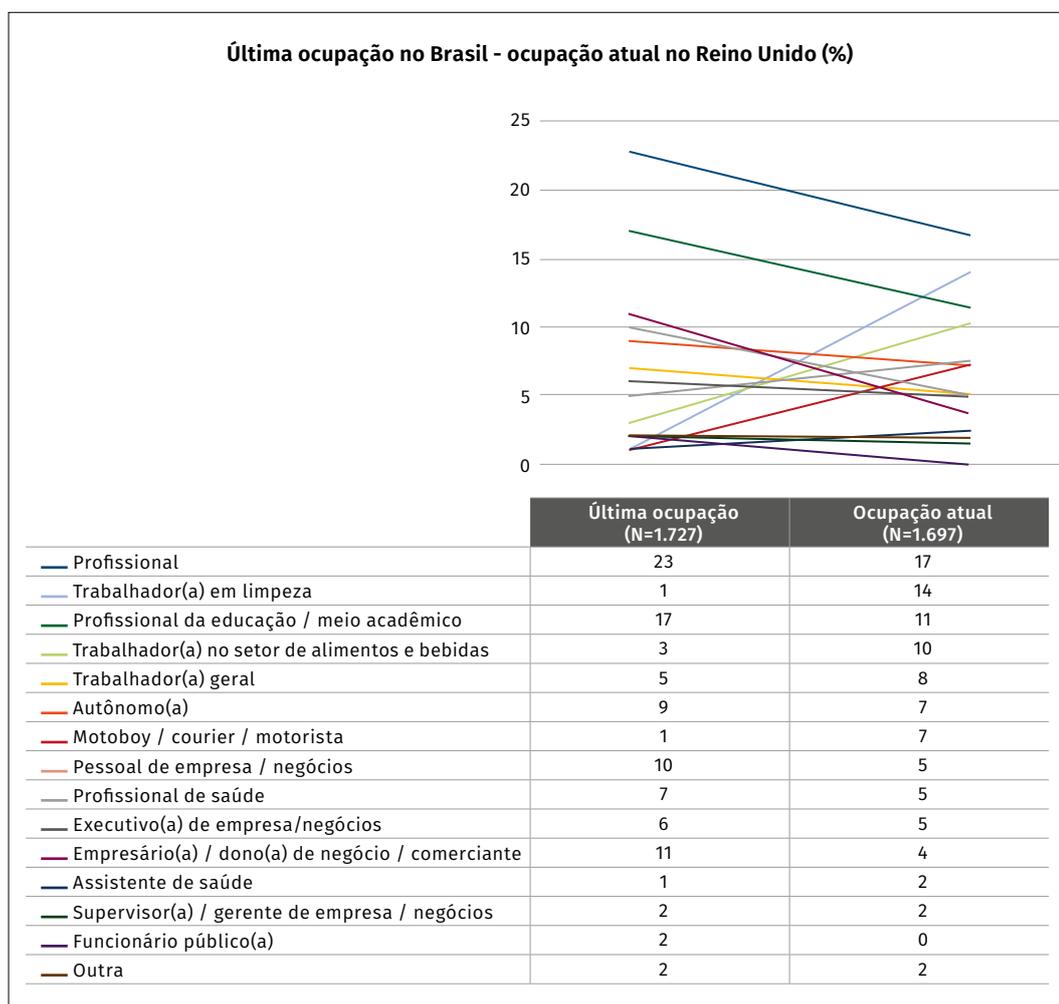
A análise da distribuição das ocupações pelo gênero (gráfico 18B) revelou algumas diferenças que são estatisticamente significativas [$\chi^2(13, N=1.688)=219.41, p<.05$]. Conforme se verifica no gráfico 18B, os homens dominaram os serviços de transporte (homens 15%, mulheres 2%), enquanto as mulheres predominaram nos serviços de limpeza (mulheres 19%, homens 7%). Também, mais homens (13%) do que mulheres (9%) trabalhavam no setor de alimentos, ou eram trabalhadores gerais (por exemplo, operários em fábrica, operadores de máquinas, etc; 10% dos homens, 6% das mulheres), e, ainda, autônomos (homens, 8%; mulheres, 6%) ou executivos de empresa (homens, 7%; mulheres, 3%). Por sua vez, mais mulheres (13%) do que homens (9%) eram profissionais na área de educação, atuavam na área da saúde (tanto como profissionais, como enquanto assistentes; mulheres 11%; homens, 3%), faziam parte do quadro de pessoal de empresa (mulheres, 6%; homens, 4%), ou ainda eram supervisoras ou gerentes de empresa (mulheres, 2%; homens, 1%). A mesma proporção de homens e mulheres atuava como executivos ou donos de negócio (4%), e também como profissionais (17%).

GRÁFICO 18B - OCUPAÇÃO POR GÊNERO



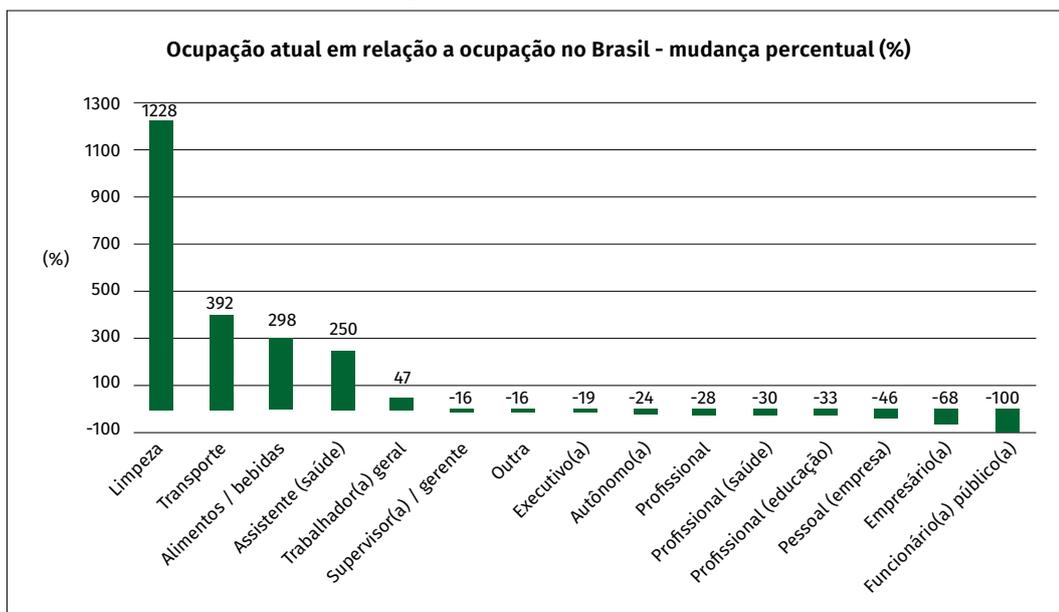
Vale lembrar que a falta de domínio do idioma, assim como os tipos de vistos recebidos, operam no sentido de limitar as oportunidades de inserção dos imigrantes no mercado de trabalho do país para onde migraram. Isso explica, pelo menos em parte, a dificuldade de muitos imigrantes em exercerem atividades econômicas para as quais foram qualificados e que já exerciam em seu país de origem (Wills et al, 2010). Estudos demonstraram ser esse também o caso de brasileiros no Reino Unido (Evans et al, 2007, 2011, 2015). O gráfico 18C mostra a comparação entre a última ocupação que os brasileiros reportaram exercer no Brasil antes de migrarem ao Reino Unido e sua ocupação à época do estudo, permitindo identificar mudanças no perfil ocupacional.

GRÁFICO 18C - MUDANÇA OCUPACIONAL



Os dados no gráfico 18C ilustram algumas das mudanças. Por exemplo, observa-se a redução do contingente dos que exerciam atividades profissionais no Brasil (incluindo os profissionais da educação), assim como o dos que compunham o quadro de funcionários de empresa, e também empresários, donos de negócio e comerciantes. Houve também um decréscimo, embora bem menos acentuado, na parcela dos brasileiros que eram autônomos e os que eram executivos de empresa. Em contrapartida, verifica-se o crescimento acentuado da parcela dos que trabalhavam no setor de limpeza, assim como aumento no contingente dos que trabalhavam no setor de alimentos e bebida, e também incremento na proporção dos que trabalhavam em transporte. Embora bem menos expressivo, houve também o aumento dos que eram trabalhadores gerais em outras atividades elementares (operários em fábricas e depósitos, trabalhadores em construção, etc.). O gráfico 18 D ilustra a magnitude e direção das mudanças no perfil ocupacional. Conforme se observa, a mudança de mais notável magnitude é a do crescimento na atividade de limpeza, seguida das atividades de transporte, alimentos e bebidas e assistência na saúde.

GRÁFICO 18D - PERCENTUAL DA MUDANÇA OCUPACIONAL



7.4 JORNADA DE TRABALHO E REMUNERAÇÃO

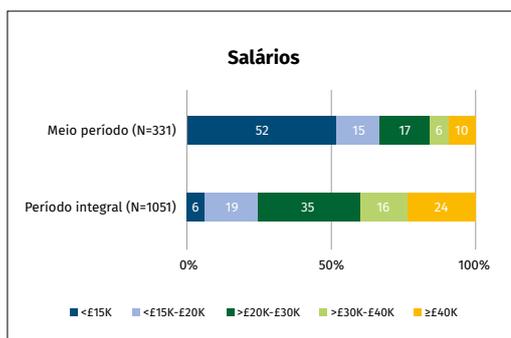
A maior parte dos brasileiros (76%) que estava trabalhando no período do estudo trabalhava em regime de período integral, equivalente, no Reino Unido, a jornada acima de 30 horas semanais². Destes, quase metade (47%) trabalhava entre 31-40 horas, cerca de um quinto (41%) trabalhava entre 41-50 horas, e os demais (8%) trabalhavam mais de 50 horas semanais. Cerca de 14% trabalhavam entre 21-30 horas, e um em cada dez trabalhavam até 20 horas semanais. Houve grande variabilidade em termos da carga horária segundo o gênero, que é estatisticamente significativa [$\chi^2(4, N=1.658)=159.61, p<.05$]. Assim, dois quintos dos homens (42%) trabalhavam acima de 40 horas semanais, comparados a um quinto das mulheres (20%) que faziam essa jornada. Inversamente, mais de um terço das mulheres (34%) trabalhava meio-período, em contraste aos 11% dos homens. Porém, quase a mesma proporção de homens (47%) e mulheres (46%) fazia jornada entre 31-40 horas semanais.

2. A definição de período integral utilizada aqui é a empregada pelo National Office of Statistics, agência do governo britânico responsável por estatísticas oficiais (<https://www.ons.gov.uk>), que também realiza a Annual Survey of Hours and Earnings (ASHE), pesquisa da carga horária e dos salários, conduzida anualmente.

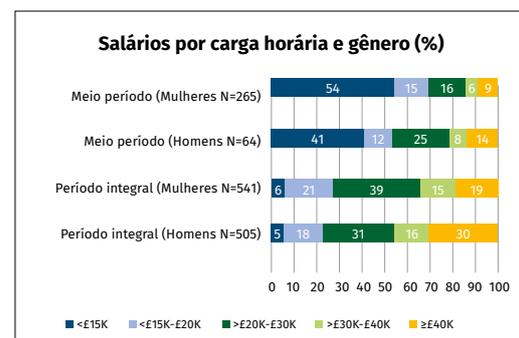
Quanto à remuneração, vale lembrar que os níveis salariais refletem tanto a carga horária trabalhada quanto os níveis de remuneração estipulados pelo mercado de trabalho e também pelas leis trabalhistas para as diferentes ocupações. Dados oficiais para 2019 mostram que o salário mediano para os trabalhadores de período integral no Reino Unido era de £30,420 ao ano (ONS, 2020). O gráfico 19A ilustra as faixas em que foram categorizados os níveis de remuneração reportados pelos brasileiros que estavam trabalhando durante o período da pesquisa. Observa-se certa variabilidade nos níveis salariais segundo a carga horária, que é estatisticamente significativa [$\chi^2(4, N=1.382)=390.39, p<.05$]. Verifica-se, por exemplo, que a grande maioria dos trabalhadores de meio período (84%) recebia salários abaixo do salário mediano para o Reino Unido como um todo, enquanto o restante (16%) recebia acima desse patamar. Quanto aos trabalhadores de tempo integral, cerca de três quintos (60%) também recebiam salários inferiores ao salário mediano para o Reino Unido, ao passo que os restantes dois quintos (40%) recebiam salários superiores. Na análise da carga horária e salários segundo o gênero (gráfico 19B), houve também diferenças estatisticamente significativas [$\chi^2(3, N=1.654)=158.99, p<.05$]. Verifica-se que mais da metade das mulheres trabalhava meio período, recebendo salários de até £15,000 por ano, em contraste com a menor proporção dos homens nessas categorias (41%). Outra diferença notável é a maior proporção de homens que trabalhavam meio período e recebiam salários entre £20,000-£30,000 comparados às mulheres nessas categorias (16%). É notável também que tanto homens quanto mulheres que trabalhavam meio período recebiam salários superiores ao salário mediano para o Reino Unido, embora mais homens (22%) do que mulheres (15%) o fizessem. Quanto aos trabalhadores de período integral, as maiores parcelas foram as dos homens (39%) e mulheres (31%) que recebiam salários entre £20,000-£30,000, com claro predomínio dos homens nessa categoria. Contudo, a diferença mais marcante diz respeito a salários acima de £40,000, recebidos por muito mais homens (30%) do que mulheres (19%). Em agregado, 85% das mulheres e 78% dos homens que trabalhavam meio período recebiam salários abaixo do salário mediano no Reino Unido em 2019. Em contraste, 66% das mulheres e 54% dos homens recebiam salários abaixo do salário mediano no Reino Unido no mesmo ano.

GRÁFICO 19 - SALÁRIOS

19A

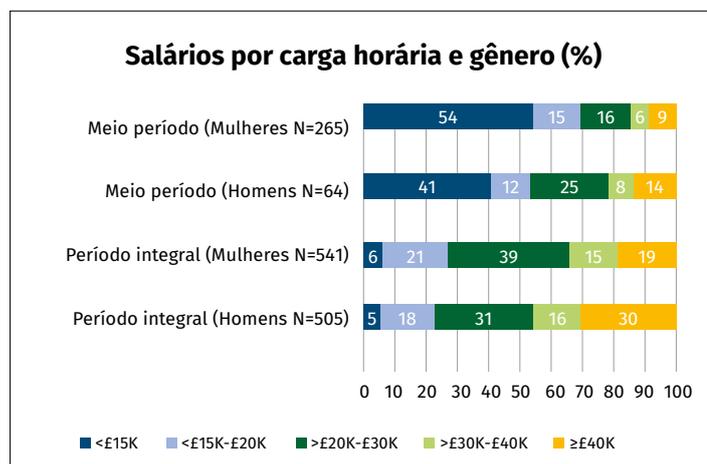


19B



Contudo, a análise de salários segundo gênero, carga horária e residência (Londres e Inglaterra) revela outros contrastes (gráfico 19C), que são estatisticamente significativos [$\chi^2(4, N=1.525)=151.18, p<.05$]. Os dados oficiais mostram que enquanto o salário mediano para os trabalhadores de período integral no Reino Unido em 2019 era de £30,420, em Londres, o equivalente era de £38,324 (ONS, 2020). No gráfico 19C, destaca-se, por exemplo, a proporção muito maior das mulheres (dois terços) que trabalhavam meio período na Inglaterra e recebiam até £15,000 por ano. Inversamente, observa-se a predominância dos homens que viviam na Inglaterra, trabalhavam meio período e recebiam salários entre £15,000-30,000. Observam-se também diferenças menos marcadas entre homens e mulheres que trabalhavam meio período em Londres, sendo a mais notável a diferença entre homens e mulheres que recebiam entre £15,000-£20,000. É interessante observar ainda a pouca diferença entre a proporção de homens (16%) e de mulheres (19%) que viviam em Londres e recebiam salários acima do salário mediano para Londres. Em relação aos que trabalhavam em período integral, observam-se diferenças também importantes entre os homens e as mulheres que viviam na capital londrina e no resto da Inglaterra. A diferença mais acentuada quanto aos que viviam na Inglaterra observa-se entre os que trabalhavam período integral e recebiam salários acima de £40,000, salário recebido por 29% dos homens, em contraste aos 15% das mulheres (faixa salarial que é superior tanto ao salário mediano para o Reino Unido quanto para Londres). Nota-se ainda que muito mais homens (38%) do que mulheres (31%) recebiam salários entre £20,000-£30,000 na Inglaterra. Quanto aos que viviam em Londres e trabalhavam período integral, verifica-se diferença mais acentuada entre os que recebiam salários entre £20,000-30,000, com parcela muito maior de homens (41%) do que mulheres (32%) recebendo salários nesse patamar. Outro contraste nota-se nos salários acima de £40,000, com mais homens (30%) do que mulheres (23%) recebendo salários nessa faixa.

GRÁFICO 19C - SALÁRIOS

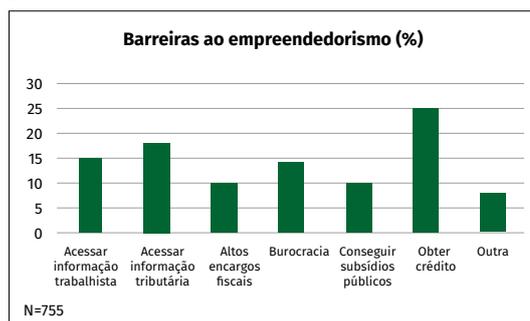


7.5 EMPREENDEDORISMO

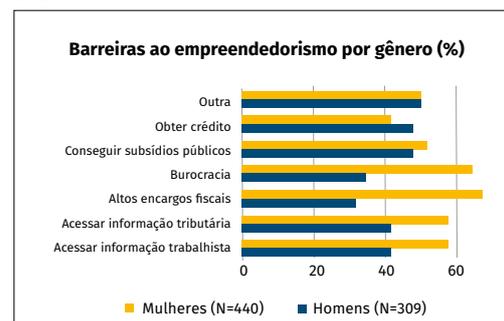
Um tema de interesse à pesquisa é o das possíveis barreiras ao empreendedorismo no Reino Unido. Assim, indagou-se dos brasileiros se tinham interesse em estabelecer um negócio formal ou, caso já o tivessem feito, que apontassem as principais dificuldades encontradas. Quase três quintos (58%) dos brasileiros declararam não ter interesse em estabelecer negócio no Reino Unido, e muito mais mulheres (66%) do que homens (34%) declararam não ter interesse. Dos restantes 47%, pouco mais de um terço (36%) apontou as barreiras, enquanto 1% mencionou não existir barreira alguma. O gráfico 20A ilustra as barreiras identificadas. Pode-se observar que a principal barreira, citada por um quarto da amostragem (25%), é obter crédito. A essa seguem-se a dificuldade em acessar informação tributária (18%), informação trabalhista (15%) e processos burocráticos (14%). Um em cada dez também mencionou altos encargos fiscais, e a mesma proporção mencionou dificuldade em obter subsídios do governo. Uma pequena parcela mencionou outras barreiras (falta de capital inicial, risco de perda de renda, falta de visto adequado, discriminação, falta de domínio do idioma- sendo esta a mais frequentemente citada, N=17). O gráfico 20B ilustra a percepção de barreiras por homens e mulheres, não havendo diferenças estatisticamente significativas entre suas respostas.

GRÁFICO 20 - BARREIRAS AO EMPREENDEDORISMO

20A



20B



8. SAÚDE

8.1. ASSISTÊNCIA MÉDICA

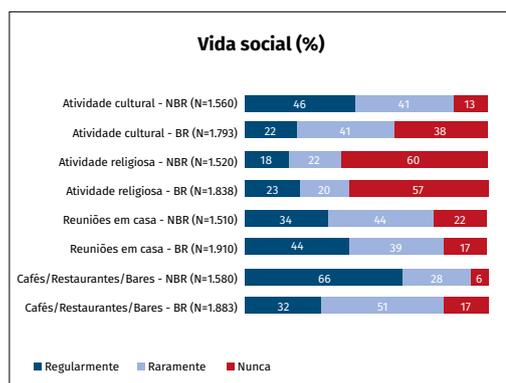
A pesquisa indagou aos participantes a quem recorrem quando necessitam de assistência médica no Reino Unido. A grande maioria (87%) reportou recorrer diretamente ao Serviço Nacional de Saúde (NHS), o sistema público mantido pelo governo britânico. Outros 5% recorriam diretamente à farmácia, 4% utilizavam serviço de saúde privado, 2% recorriam à família e 1% utilizava amigos, conhecidos, ou outras fontes de auxílio. Não houve diferenças significativas na comparação de gênero quanto ao uso de serviços de saúde.

9. VIDA SOCIAL

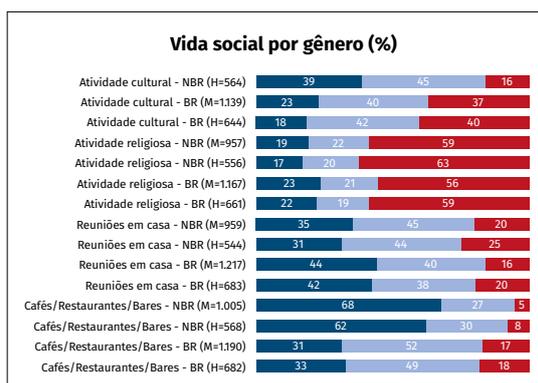
A pesquisa buscou entrever em que medida os brasileiros inserem-se³ na vida social no Reino Unido, indagando, primeiramente, com quem os brasileiros preferiam relacionar-se, se com brasileiros ou não-brasileiros. Cerca de três quartos (76%) dos pesquisados não manifestaram preferência alguma, 17% preferiam relacionar-se apenas com não-brasileiros, e os restantes 7% preferiam relacionar-se apenas com brasileiros, não havendo diferença entre homens e mulheres quanto à sua preferência. A pesquisa inquiriu também sobre envolvimento dos brasileiros em diversas atividades, se dirigidas especificamente para brasileiros ou a não-brasileiros (ou seja, à sociedade britânica em geral). O gráfico 21A resume os resultados. Verifica-se que a maior parte dos brasileiros nunca participa de atividades religiosas, sejam estas orientadas para brasileiros (57%) ou não-brasileiros (60%). Pouco mais de um terço (38%) nunca participa de atividades culturais (shows, exposições, cinema, teatro, museu, etc) voltadas para brasileiros. Em contraste, boa parte dos brasileiros participam frequentemente de atividades culturais direcionadas a não-brasileiros (46%), e também frequentemente visitam cafés/restaurantes/bares que não servem brasileiros exclusivamente (66%). Uma boa parcela dos brasileiros também reúnem-se em casa com outros brasileiros (34%), e proporção maior ainda reúne-se com não-brasileiros (44%). Dos que raramente participam de atividades, a maior parcela (51%) é a dos brasileiros que vão a cafés/restaurantes/bares brasileiros. A esta seguem-se o contingente dos que raramente reúnem-se com não-brasileiros (44%), e também parcelas idênticas de brasileiros que raramente participam de qualquer atividade cultural, seja para brasileiros (41%) ou não-brasileiros (41%), assim como dos que raramente reúnem-se em casa com outros brasileiros (39%). A análise da frequência das atividades de acordo com o gênero revelou poucas diferenças entre homens e mulheres, conforme se pode observar no gráfico 21B.

GRÁFICO 21 - VIDA SOCIAL

21A



21B



Legenda: NBR= não brasileiros; BR=brasileiros; H=homens; M= mulheres

3. Inserção aqui refere-se ao conceito mais amplo de integração à sociedade receptora, entendido como 'processos multi-direcionais, que ocorrem transversalmente nos domínios estrutural, social, cultural, cívico-político, e em relação à identidade e pertencimento; processos que abrangem recém-chegados e indivíduos e instituições da comunidade estabelecida, assim como os de conexões transnacionais' (traduzido do original em inglês disponível em <https://www.compas.ox.ac.uk/research/topic/integration>).

10. VIDA CÍVICA

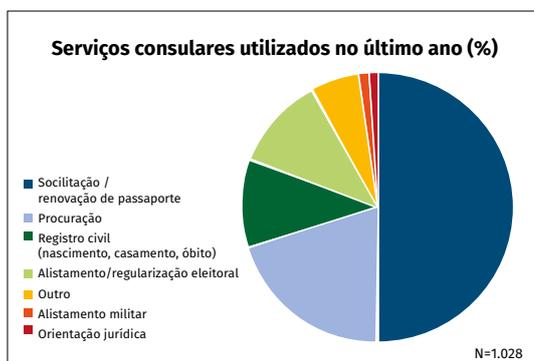
A pesquisa inovou ao propor registrar o envolvimento dos brasileiros em aspectos do que pode referir-se, de modo geral, como ‘vida cívica’ no Reino Unido. Apresentam-se a seguir os resultados sobre o uso de serviços públicos para brasileiros, a participação em processos políticos, e também conhecimento de iniciativas e atividades voltadas para a comunidade brasileira.

10.1 USO DE SERVIÇOS CONSULARES

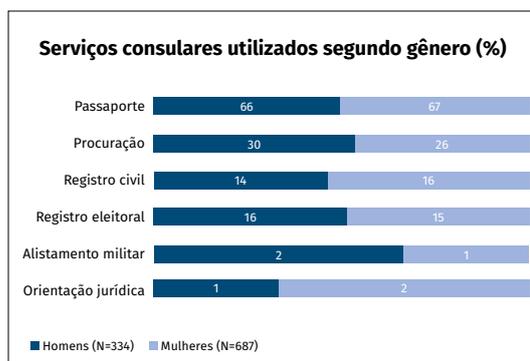
Pouco mais da metade dos brasileiros (52%) não havia utilizado serviço algum, dos oferecidos pelo consulado brasileiro, nos últimos dozes meses. O restante da amostragem utilizou serviços diversos, ilustrados no gráfico 22A. O serviço mais utilizado foi a solicitação de passaporte (50%), seguido distantemente pela solicitação de procuração (20%). Cerca de um em cada dez havia requerido um registro civil (11%), e parcela idêntica efetuou o alistamento ou regularização eleitoral (11%). Uma diminuta parcela (de homens) efetuou o alistamento militar (1%), e muito poucos também utilizaram o serviço de orientação jurídica (1%). Um grupo bem pequeno (6%) adicionou ‘outro’ serviço, sendo a requisição de atestado de vida o mais comumente citado. A análise dos serviços utilizados segundo o gênero (gráfico 22B) revelou poucas diferenças entre as respostas dos homens e as das mulheres.

GRÁFICO 22 - SERVIÇOS CONSULARES

22A



22B



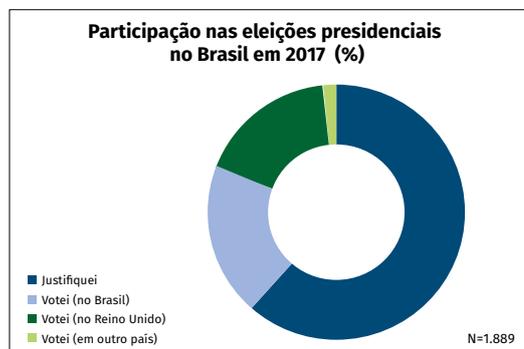
10.2 ELEIÇÕES NO BRASIL E NO REINO UNIDO

A pesquisa perguntou aos brasileiros se haviam votado nas eleições presidenciais no Brasil em outubro/novembro de 2018. Dos que responderam, a maioria (62%) não votou, justificando sua ausência (gráfico 23A). Dos restantes 38% que votaram, 19% votaram estando no Brasil, 18% votaram estando no Reino Unido e 1% votou estando em outro país. Não houve diferenças marcadas entre as respostas dos homens e das mulheres quanto à participação dessas eleições.

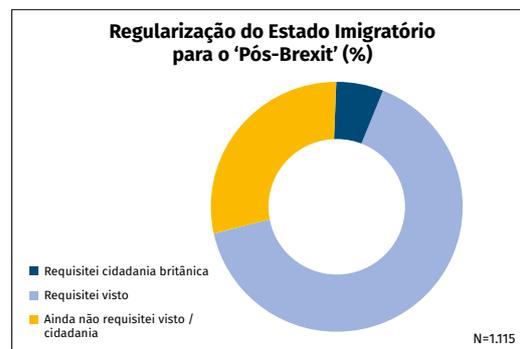
Em dezembro de 2019, houve no Reino Unido eleições gerais para eleger novo parlamento e governo, das quais podiam participar somente cidadãos britânicos e irlandeses que estivessem registrados para votar. A pesquisa perguntou também aos brasileiros se haviam votado nessas eleições, antecipando que apenas uma minoria pudesse participar delas, dada a exigência de cidadania britânica. De fato, a vasta maioria (89%) não tinha direito a votar nessas eleições. Dos 11% (N=231) que podiam votar, 8% exerceram o direito de voto, enquanto 3% não votaram.

GRÁFICO 23 - ELEIÇÕES NO BRASIL E PREPARO PARA O PÓS-BREXIT

23A



23B



10.3 PREPARATIVOS PARA O 'PÓS-BREXIT'

O discurso do governo britânico de enrijecimento de controle migratório tem sido propalado ainda mais desde a vitória no referendo de 2016 da campanha que pleiteava a saída do Reino Unido da União Europeia, popularmente conhecida como 'Brexit'. Em consequência, cerca de três milhões de cidadãos europeus que atualmente vivem e trabalham no país sem restrições passarão a necessitar autorização para poder nele permanecer no 'pós-Brexit' (ver Vargas-Silva, 2016 sobre nova política de imigração). Para tanto, necessitarão registrar a si mesmos e a seus dependentes no esquema de regularização migratória instituído pelo governo britânico. Assim, à pesquisa interessou registrar se os brasileiros que residem no Reino Unido somente em virtude de possuírem cidadania europeia (excluindo-se a britânica) se já vêm mobilizando para regularizar sua situação migratória para o 'pós-Brexit' (veja, por exemplo, Sumption and Kone, 2018, sobre a política de regularização proposta pelo governo britânico). Cerca de 55% da amostragem total possuíam a cidadania europeia (excluindo-se a britânica). Destes, dois terços (65%) já haviam requisitado visto para permanecer no Reino Unido, e outros 6% já haviam requisitado cidadania britânica. Cerca de 28% declararam não haver tomado medida alguma. Houve diferenças entre as respostas dos homens e das mulheres, que são estatisticamente significativas [$\chi^2(6, N=2.106)=63.40, p<.05$]. Deste modo, mais homens (71%) do que as mulheres (61%) haviam requerido visto, e parcelas próximas de homens e mulheres já haviam requisitado a cidadania britânica. Contudo, mais mulheres (32%) do que homens (23%) não haviam ainda tomado medida alguma para regularizar sua situação para o 'pós-Brexit'.

10.4 ESCOLAS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA

Observa-se um crescente interesse no tema do Português como Língua de Herança tanto no meio acadêmico (Souza, 2015; Souza e Ortiz, 2020), como na própria comunidade brasileira no Reino Unido, que se manifesta na criação de escolas que ofereçam cursos específicos para filhos de casais em que um dos pais tenha o português como língua nativa. Assim, perguntou-se aos brasileiros se sabiam da existência dessas escolas. Menos de um terço (32%) dos brasileiros na amostragem toda tinha conhecimento sobre essas escolas. Destes, 70% eram mulheres e 30% eram homens, sendo esta uma diferença estatisticamente significativa [$\chi^2(1, N=2.088)=16.28, p<.05$]. Dos que tinham conhecimento sobre essas escolas, pouco mais de um em cada dez (13%) reportou que seus filhos já tinham feito um curso de Português com Língua de Herança.

10.5 CONSELHO DE CIDADANIA DO REINO UNIDO

Ainda com o objetivo de entrever a inserção dos brasileiros na vida cívica da comunidade brasileira no país, a pesquisa indagou se acompanhavam as atividades do Conselho de Cidadania do Reino Unido (CCRU). A maioria dos brasileiros não conhecia o CCRU (67%). Dos que conheciam (N=682), apenas 30% acompanhavam suas atividades, e destes, 70% eram mulheres e 30% eram homens. De fato, na análise de gênero, as mulheres predominaram sobre os homens em todas as categorias de resposta, não sendo esse resultado estatisticamente significativo.

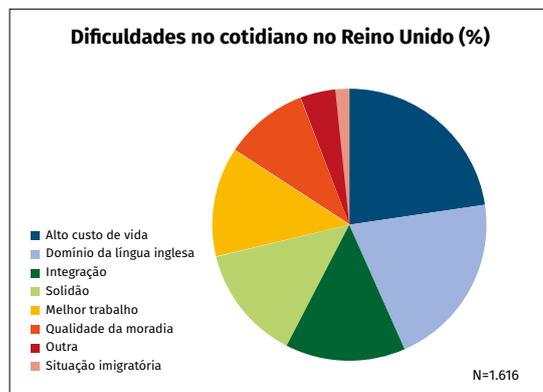
11. COTIDIANO

11.1 DIFICULDADES NO DIA-A-DIA

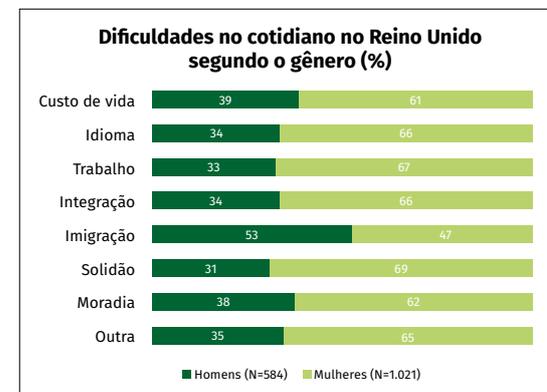
Na pesquisa, os brasileiros tiveram a oportunidade de apontar as principais dificuldades que encontram em seu viver cotidiano no Reino Unido. Quase um quarto (24%) declarou não encontrar dificuldade alguma. O gráfico 24A mostra as dificuldades assinaladas pelo restante da amostragem. As dificuldades mais comumente citadas (23%) foram o alto custo de vida e a falta de domínio da língua inglesa (21%). A estas seguem-se a dificuldade de integração na sociedade britânica (14%), a solidão (14%), a dificuldade em obter melhor trabalho (13%), e ainda, a qualidade da moradia (10%). As dificuldades de menor importância foram as relacionadas à situação imigratória (2%), e também as reunidas na categoria *outra* (4%), que mais comumente incluía a saudade de familiares e amigos, e também o clima. O gráfico 24B compara as dificuldades apontadas pelos homens às das apontadas pelas mulheres, mostrando haver poucas discrepâncias marcantes entre ambas.

GRÁFICO 24 - DIFICULDADES NO COTIDIANO

24A



24B

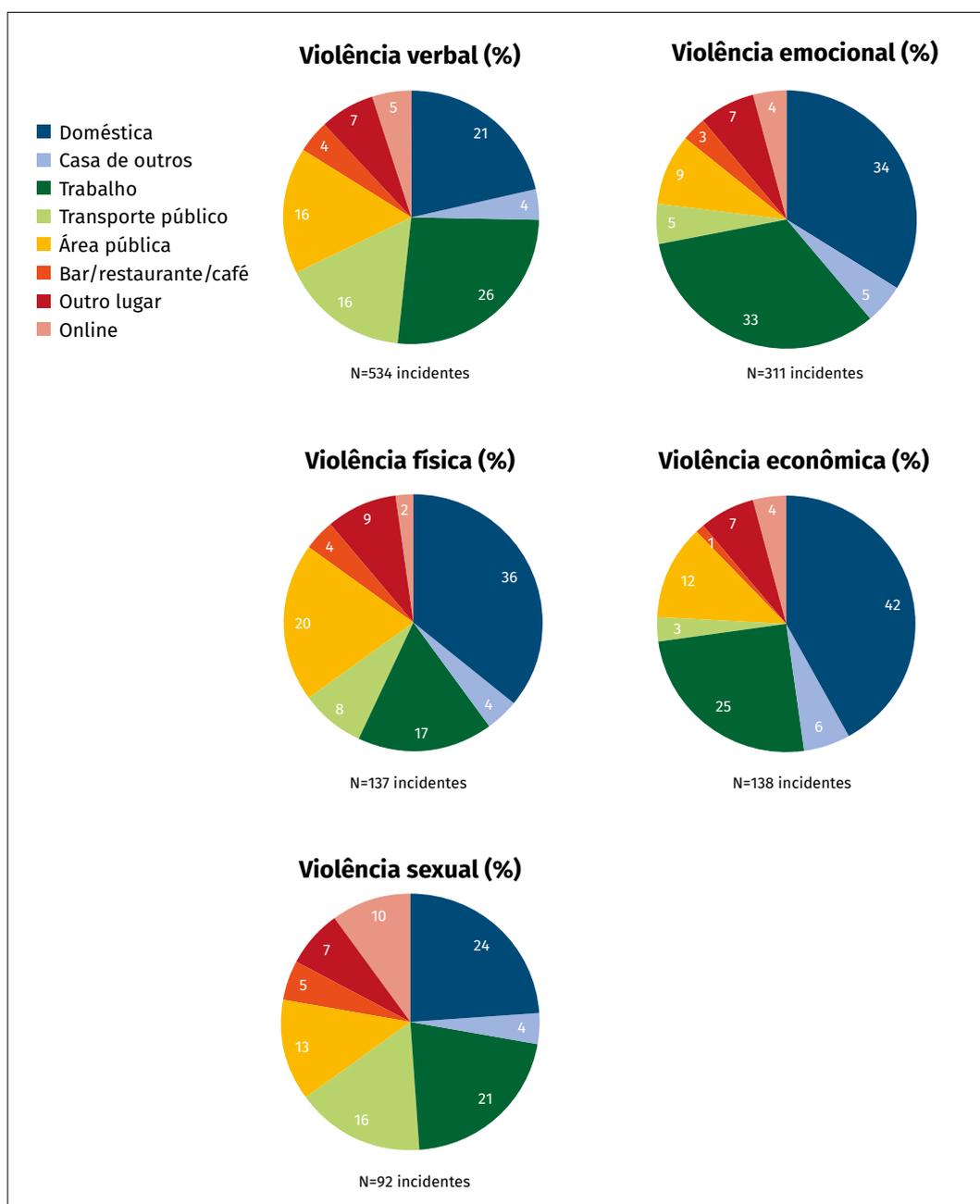


11.2 EXPERIÊNCIA DE VIOLÊNCIA

À pesquisa interessou registrar também quaisquer experiências de violência vividas por brasileiros no cotidiano britânico, uma vez que o tema vem suscitando maior interesse como, por exemplo, a violência contra brasileiras (McIlwaine and Evans, 2018). Assim, indagou-se dos brasileiros se alguma vez haviam sofrido violência no Reino Unido, violência entendida como qualquer forma de agressão, assédio ou ameaça, ou ainda qualquer outra forma subentendida pelo respondente. Dos que responderam a pergunta (N=2014), uma minoria (28%) declarou haver sofrido violência, dos quais 65% eram mulheres e 35% homens. O gráfico 25 ilustra os tipos de violência reportados por esses brasileiros de acordo com os diferentes espaços em que ocorreram. Conforme se pode observar, o maior número de incidentes foi de violência verbal, ocorridos no espaço do trabalho, e também no ambiente doméstico.

O segundo maior número de incidentes foi de violência emocional, ocorridos principalmente no ambiente doméstico, mas também no trabalho. A esses seguem-se os incidentes de violência física, ocorridos no ambiente doméstico e também em áreas públicas, e os de violência de natureza econômica, ocorridos principalmente no ambiente doméstico, mas também no espaço do trabalho. O menor número de incidentes reportados foram os de violência sexual, que ocorreram mais comumente no ambiente doméstico, e também no ambiente do trabalho. A análise dos tipos de violência segundo o gênero e característica de quem perpetra a violência (se brasileiro ou não-brasileiro) revelou que os homens muito mais comumente perpetravam os incidentes de violência do que as mulheres, e que os incidentes eram perpetrados, em sua grande maioria, por não-brasileiros (ver gráficos nos Anexos I-IV).

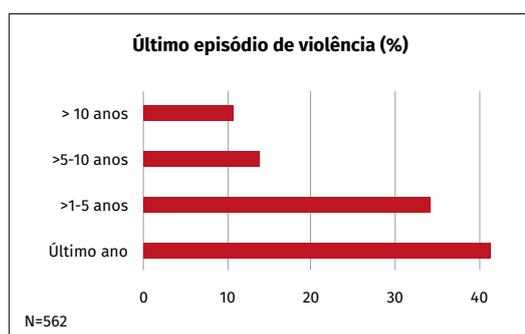
GRÁFICO 25 – TIPOS DE VIOLÊNCIA



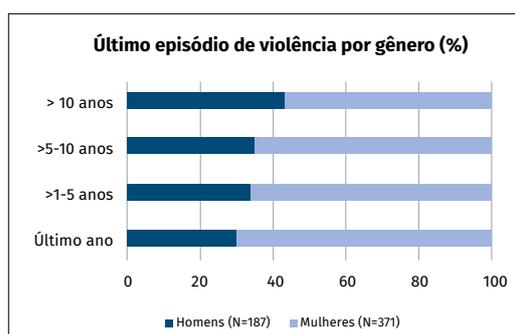
Conforme ilustra o gráfico 26A, pouco mais de dois quintos (41%) dos incidentes haviam ocorrido no último ano, enquanto mais de um terço (34%) havia ocorrido nos últimos cinco anos. Assim, em agregado, a maior parte dos episódios de violência ocorreram num passado relativamente recente. A análise da ocorrência do último episódio de violência por gênero explicita claramente que as mulheres, muito mais do que os homens, sofreram violência ao longo dos anos.

GRÁFICO 26 - ÚLTIMO EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA

26A



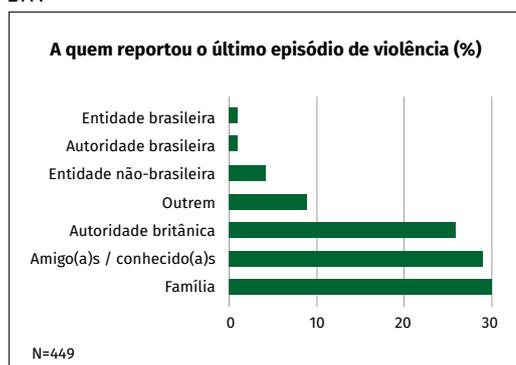
26B



Cerca de três quintos (61%) dos brasileiros reportaram esse último episódio de violência, mas uma minoria não sabia dizer se havia reportado (5%), e o restante (34%) não reportou. Novamente, a análise de gênero demonstrou a preponderância das mulheres sobre os homens em relação a reportar o último episódio de violência, com diferenças bastante marcadas, resultado que é estatisticamente significativo [$\chi^2(2, N=601)=14.02, p<.05$]. Assim, 72% das mulheres haviam reportado esse episódio, contras apenas 28% dos homens; 58% das mulheres não haviam reportado, em contraste a 42% dos homens, embora a mesma proporção de homens e mulheres não se lembrasse se haviam reportado ou não (50%). Conforme mostra o gráfico 27A, os brasileiros que sofreram violência reportaram o último episódio principalmente à família, a amigos e conhecidos e também a uma autoridade britânica (comumente, a polícia). Também um em cada dez reportou o episódio a 'outrem' (por exemplo, supervisor ou gerente no trabalho, advogado, médico, RH de empresa, autoridades na universidade, serviço social). Em termos das diferenças por gênero quanto a quem esse último episódio foi reportado, o gráfico 27B mostra que as mulheres, mais do que os homens, reportaram esse episódio, sobretudo a uma autoridade britânica.

GRÁFICO 27 - VIOLÊNCIA REPORTADA

27A



27B

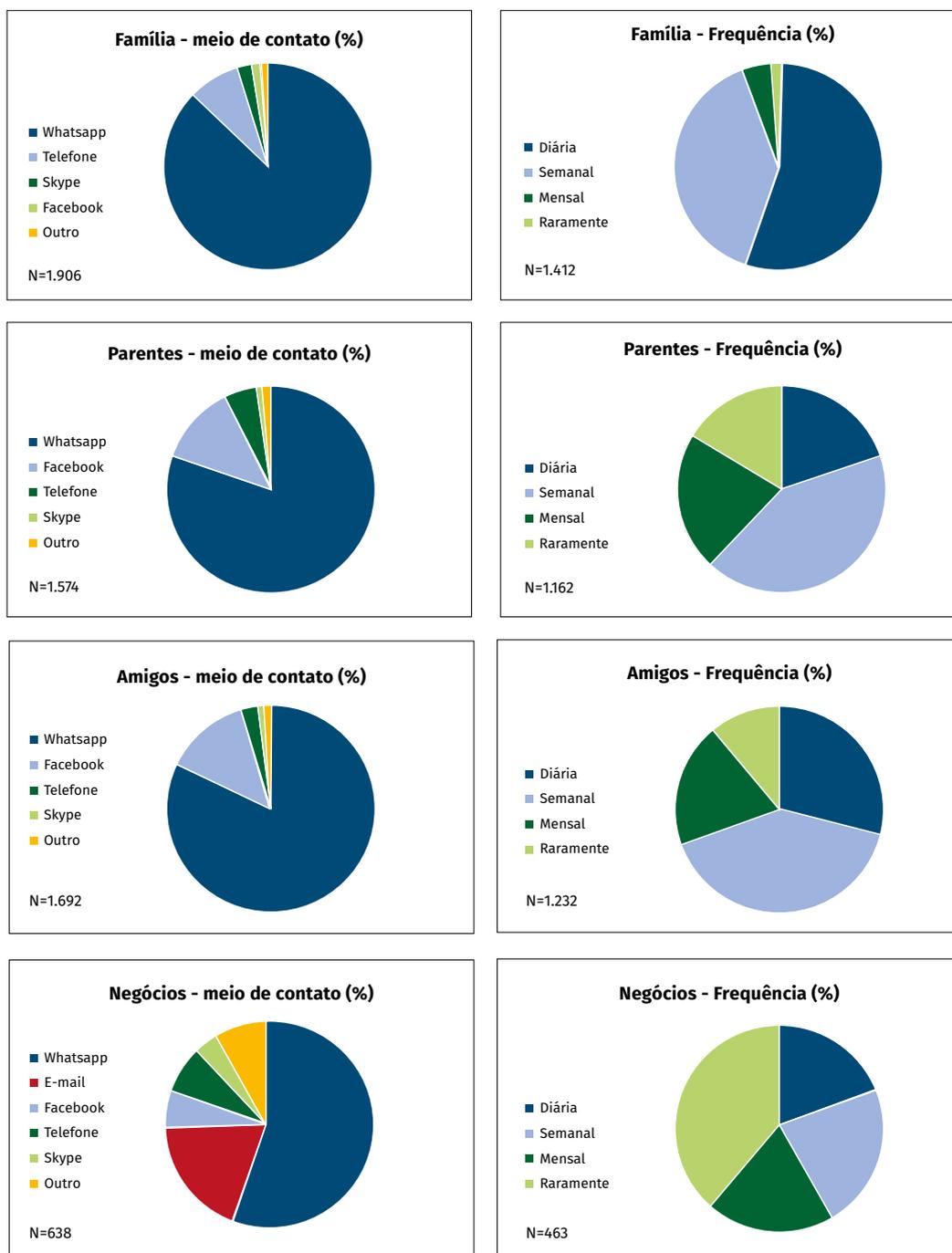


12. RELAÇÕES COM O BRASIL

12.1 CONTATO COM FAMÍLIA, AMIGOS E NEGÓCIOS

A pesquisa indagou dos brasileiros que tipo de contato mantém com família e amigos no Brasil, tema que é integral ao entendimento da dinâmica do transnacionalismo (Vertovec, 2004), entendido como processo que abrange ‘trocas, conexões, e práticas através de fronteiras, transcendendo assim o espaço nacional como a referência primeira de atividades e identidades’ (IOM, 2010). Os resultados estão resumidos no gráfico 28.

GRÁFICO 28 - CONTATO COM O BRASIL



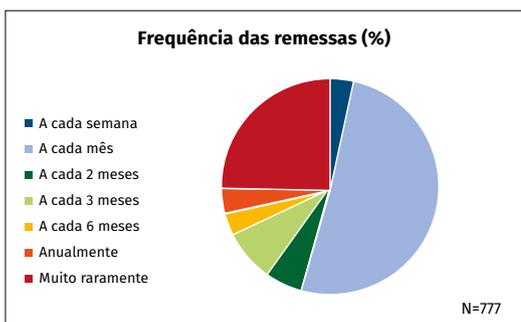
Observa-se no gráfico 28 a predominância do aplicativo *Whatsapp* como principal meio de comunicação com família (87%), parentes (80%), amigos (82%), e também para negócios (56%). Contudo, há variabilidade na frequência da comunicação. Assim, cerca de 55% dos brasileiros comunicam-se com a família diariamente, enquanto 39% mantém contato semanal. A comunicação com parentes, por sua vez, é conduzida sobretudo semanalmente (42%), embora ocorra também mensalmente (22%) e diariamente (20%). Cerca de 41% dos brasileiros comunicam-se com amigos semanalmente, 29% comunicam-se diariamente e cerca de um em cada cinco brasileiros (19%) comunica-se com amigos mensalmente. A comunicação relacionada a negócios é a que ocorre mais raramente (39%). A comparação do tipo e frequência de comunicação entre homens e mulheres não revelou nenhuma diferença significativa nas práticas de comunicação de ambos os grupos.

12.2 REMESSAS

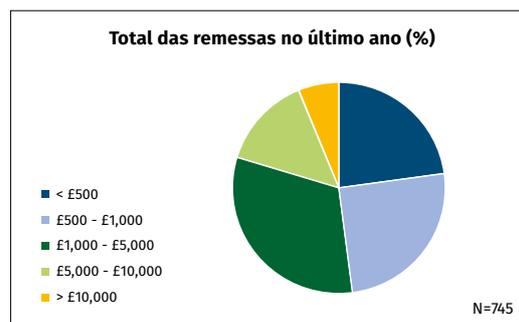
Um outro tema comumente examinado quanto a práticas transnacionais é a remessa de recursos financeiros para o país de origem, feita para várias finalidades, como por exemplo, prover assistência à família e parentes, investir na casa própria, viabilizar a educação dos filhos, investir em negócio próprio, dentre vários outros (Evans et al, 2011, 2015; Datta et al, 2007; Datta and Aznar, 2018). Assim, a pesquisa indagou dos brasileiros se faziam remessas de dinheiro ao Brasil, e com que frequência. Pouco mais de um terço (38%) dos brasileiros na amostragem toda fazia remessas ao Brasil, sendo a prática mais comum entre homens (44%) do que mulheres (38%), resultado que é estatisticamente significativo [$\chi^2(1, N=2.062)=21.23, p<.05$]. Conforme mostra o gráfico 29A, pouco mais da metade dos brasileiros (51%) fazia remessas mensais, seguida dos que faziam muito raramente, não havendo diferenças importantes entre homens e mulheres. Já o gráfico 29B ilustra o montante de remessas realizadas no último ano. Conforme se observa, a maior parcela de brasileiros enviou entre £1,000-5,000 no último ano (32%), seguida daqueles que enviaram entre £500-£1,000 (25%), e dos que enviaram menos de £500 (23%), sendo essas duas últimas quantias relativamente pequenas. Porém, cerca de 14% enviaram entre £5,000-£10,000, o que constitui quantia relativamente vultosa. Os restantes 6% dos pesquisados enviaram a partir de £10,000, o que representa quantias avultadas. Em agregado, porém, verifica-se uma divisão mais clara, entre quase uma metade (48%) de brasileiros que havia feito remessas de até £1,000, e quase outra metade (46%) que havia feito remessas entre £1,000 e £10,000. Houve também diferença estatisticamente significativa entre os montantes enviados por homens e mulheres [$\chi^2(4, N=742)=23.77, p<.05$]. A mais saliente foi a predominância dos homens nas remessas entre £1,000-£10,000 (62%), e a proeminência das mulheres nas remessas entre £500-£1,000(54%).

GRÁFICO 29 - REMESSAS AO BRASIL

29A



29B



13. FUTURO

13.1 REINO UNIDO OU BRASIL?

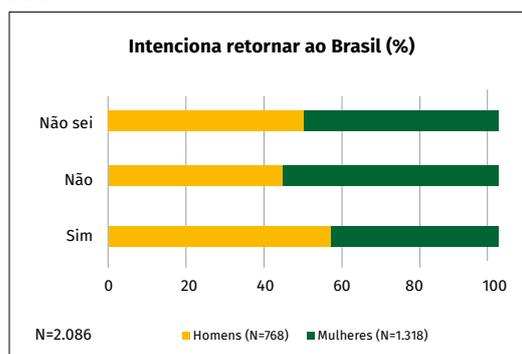
Finalmente, uma pergunta de interesse colocada aos participantes, embora especulativa, foi sobre sua intenção de voltar a morar no Brasil. Conforme mostra o gráfico 30A, uma maioria dos brasileiros declarou incerteza (43%), uma minoria declarou que não pretendia voltar ao Brasil (38%) e o restante (18%) afirmou a intenção de retornar. A comparação entre as respostas dos homens e as das mulheres revelou diferenças que são estatisticamente significativas [$\chi^2(2, N=2.086)=14.10, p<.05$]. Assim, muito mais mulheres (41%) manifestaram a intenção de não regressar ao Brasil do que homens (34%). Inversamente, mais homens (22%) do que mulheres (16%) pretendiam retornar ao Brasil. Homens e mulheres manifestaram-se igualmente indecisos quanto à idéia de retornar ao Brasil para viver (50% em cada caso).

GRÁFICO 30 - FUTURO NO BRASIL

30A



30B



14. BRASILEIROS NO REINO UNIDO, 2020

A pesquisa por questionário reportada aqui reiterou vários dos resultados obtidos em estudos anteriores. Assim, em termos gerais, os brasileiros constituem uma população de idade mediana (30-49 anos), que em sua grande maioria identifica-se com o grupo racial branco, e possui alto grau educacional. Grande parte desses brasileiros está casada, tem filhos, e constitui unidades familiares, sendo a vasta maioria inquilinos.

Em termos de origem no Brasil, evidencia-se mais uma vez o papel predominante da região sudeste, e nesta, o de São Paulo, responsável por mais de um terço de todos os brasileiros. Para mais de metade de todos brasileiros, a imigração para o Reino Unido constituiu sua primeira experiência como imigrante, embora já conhecessem alguém que tivesse morado no país, sobretudo amigos e família ou parentes. Os principais motivos para a imigração foram a perspectiva de uma melhor qualidade de vida e de mais oportunidade do que no Brasil. Muitos foram admitidos ao Reino Unido utilizando passaporte europeu, obtido sobretudo por descendência, ou ainda com visto de turista.

Os dados da pesquisa salientam mais uma vez o importante papel das redes pessoais como fonte de auxílio na fase inicial de organização da vida de imigrante no Reino Unido, sobretudo amigos, família e parentes, principalmente durante a procura por moradia e trabalho.

Em relação ao lugar de residência, os dados revelaram uma maior dispersão geográfica do que antecipado, dado que metade dos brasileiros residia em Londres (espalhados por toda a cidade, mas com uma maior concentração no bairro de *Brent*), e a outra metade, no resto da Inglaterra. A maior parte residia no país entre 1-5 anos, mas o grupo dos que residiam entre 10-19 anos era também expressivo.

Quanto à atividade econômica, a grande maioria dos brasileiros exercia atividade remunerada em variadas ocupações, desde as mais qualificadas às mais elementares. Contudo, a análise em relação a atividade exercida anteriormente no Brasil revela uma certa desqualificação no mercado de trabalho no Reino Unido, com declínio de atividades mais qualificadas e incremento em ocupações elementares, cujo maior fator contribuinte seja muito provavelmente a falta de domínio do idioma. Ademais, cerca de três quintos dos brasileiros que trabalhavam em tempo integral recebiam salários inferiores ao salário mediano para tais trabalhadores no Reino Unido como um todo. A maioria também não demonstrou interesse em estabelecer negócio próprio.

Em termos de atividades sociais, os dados revelaram um certo grau de inserção na sociedade local (exceto atividades religiosas), sendo a atividade mais comum a visita a cafés, restaurantes e bares, tanto para brasileiros quanto para não-brasileiros.

Quanto à vida cívica, relacionada ao exercício de deveres e direitos, a maioria dos brasileiros reportou não ter votado nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil, enquanto a vasta maioria dos brasileiros não estava habilitada a votar nas eleições gerais de 2019 no Reino Unido. Também, dos brasileiros que detêm cidadania europeia, a grande maioria já havia requisitado visto para poder permanecer no país no 'pós-Brexit', a partir de 1 de janeiro de 2021. Ainda em termos da inserção cívica da comunidade brasileira no Reino Unido, a grande maioria dos brasileiros reportou que não conhece o Conselho de Cidadania no Reino Unido, e apenas uma minoria conhecia escolas que oferecem cursos de Português como Língua de Herança. As principais dificuldades encontradas no cotidiano britânico são o custo de vida e falta de domínio da língua inglesa.

Apenas uma minoria de brasileiros havia sofrido qualquer tipo de violência no Reino Unido, compreendendo predominantemente as mulheres, sendo a violência verbal e emocional (em casa e no trabalho) as mais comumente citadas. Em dois quintos dos casos, o último episódio havia ocorrido no último ano. A maioria das vítimas havia reportado o mais recente episódio, principalmente à família e amigos, mas também à polícia.

Relativamente a práticas transnacionais, a pesquisa ressaltou o papel predominante do aplicativo *Whatsapp*, utilizado como o principal meio de comunicação com a família, amigos, conhecidos no Brasil, e também para tratar de negócios. Quanto a remessas financeiras, apenas uma minoria enviava dinheiro ao Brasil, sendo a remessa mensal a mais citada. Em termos do valor total enviado no último ano, quase metade dos brasileiros enviou quantias de até £1,000, o que constitui montante relativamente baixo.

Em conclusão, a pesquisa reportada aqui reitera resultados obtidos anteriormente quanto ao perfil dos brasileiros no Reino Unido, mas revela também novas facetas quanto a seu comportamento social, econômico, cívico e político. Contudo, há necessidade de estudos mais aprofundados sobre cada um desses aspectos, que requerem também a utilização de outras metodologias (entrevistas, grupos focais, visitas a campo) para enriquecer e nuançar o entendimento propiciado pelos dados quantitativos. Finalmente, há necessidade de maior participação de homens brasileiros nesses estudos para documentar-se mais amplamente suas experiências como imigrantes no Reino Unido.

15. AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Consulado Geral do Brasil pelo apoio recebido para a realização desse projeto, incluindo o destacamento de pessoal para distribuir e também recolher os questionários preenchidos em sua sede. Muito obrigada também aos brasileiros e brasileiras que dispuseram de seu tempo para responder ao questionário, viabilizando a pesquisa, e permitindo, portanto, aprimorar-se o conhecimento sobre a comunidade brasileira no Reino Unido.

BIBLIOGRAFIA

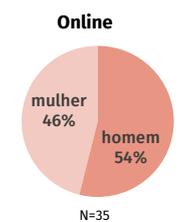
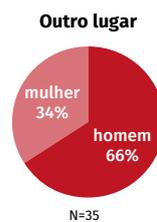
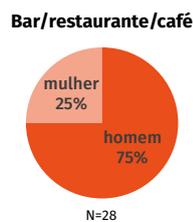
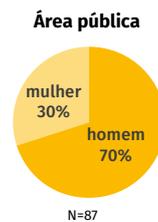
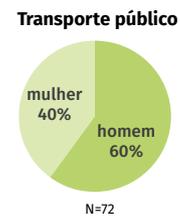
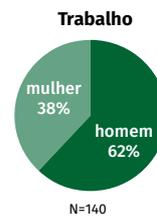
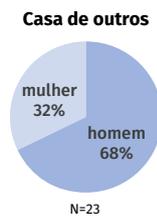
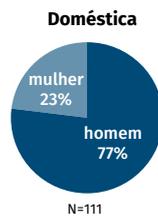
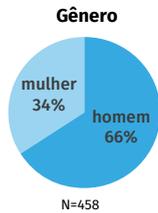
- Brightwell, M G (2010) 'Saboreando o Brasil em Londres: comida, imigração e identidade' in *Travessia*, 66: 21-32.
- Consterdine, E (2018) *Hostile environment: the UK government's draconian immigration policy explained*, *The Conversation*: 26/04/2018; <https://theconversation.com/hostile-environment-the-uk-governments-draconian-immigration-policy-explained-95460>.
- Cwerner, S (2001) 'The Times of Migration', *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27(1): 7-36.
- Datta, K and Aznar, C (2018) 'The space-times of migration and debt: re-positioning migrants' debt and credit practices and institutions in, and through, London', *Geoforum*, 98: 300-308.
- Dias, G (2009) 'O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade', *Ponto Urbe*, 4: 1427; <http://journals.openedition.org/pontourbe/1427>.
- Dias, G (2015) 'Tactics of Border Crossing Movement: exploring the mobility of Brazilians through the Schengen and UK airspace', *Revista Ambivalências*, 3(5): 183-215.
- Dias, G and Martins Jr, A (2018) The Second Brazilian Migration Wage: the impact of Brazil's economic and social changes on current migration to the UK, *Século XXI, Revista de Ciências Sociais*, 8(1): 112-143.
- Duvell, F, Cheri, M, and Lapshyna, Irina (2018) *Does Immigration Enforcement Matter (DIEM)? Irregular Immigrants and Control Policies in the UK*, *Compas*: Oxford; <https://www.compas.ox.ac.uk/wp-content/uploads/DIEM-Irregular-Immigrants-and-Control-Policies-in-the-UK.pdf>.
- Evans, Y, Wills, J, Datta, K, Herbert, J, McIlwaine, C, May, J, Araújo, J O, França, A C, França, A P (2007) *Brazilians in London: a report for the Strangers into Citizens Campaign*, Department of Geography, Queen Mary, University of London; <http://www.geog.qmul.ac.uk/globalcities/reports/docs/brazilians.pdf>.
- Evans, Y, Tonhati, T, Tentoni-Dias, G, Brightwell, M, Sheringham, O, Souza, A and Souza, C (2011) *Por uma vida melhor: Brasileiros em Londres*. Londres: GEB/Goldsmiths/ Queen Mary/Royal Holloway, University of London; https://geb2008.files.wordpress.com/2015/07/por_uma_vida_melhor.pdf.
- Evans, Y, Tonhati, T and Souza, A (2013) *Imigrantes Brasileiras pelo Mundo*. Londres: GEB/Goldsmiths/ Queen Mary/IOE, University of London; https://geb2008.files.wordpress.com/2015/07/imigrantes_brasileiras_pelo_mundo_2013.pdf.
- Evans, Y, Dias, G, Martins Jr, A, Souza, A, and Tonhati, T (2015) *Diversidade de Oportunidade: Brasileiros em Londres*, Londres: GEB/Goldsmiths/Queen Mary/Oxford Brookes.
- Frangella, Simone (2010) 'O Made in Brasil em Londres: migração e os bens culturais' in *Travessia*, 66: 33-44.
- IBGE (2011) *Censo 2010 – Mais da metade dos emigrantes brasileiros são mulheres*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2017>.

- IOM (2010) Migration and Transnationalism: opportunities and challenges, Background Paper, IOM; https://www.iom.int/jahia/webdav/shared/shared/mainsite/microsites/IDM/workshops/migration_and_transnationalism_030910/background_paper_en.pdf.
- Martins Jr, A e Dias, G (2013) 'Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres', *Análise Social*, 48(4): 810-832.
- McIlwaine, C, Cock, JC and Linneker, B (2011) No Longer Invisible: the Latin American community in London. London: Queen Mary; https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/files/107149433/No_Longer_Invisible_full_report.pdf.
- McIlwaine, C and Bunge, D (2016) *Towards Visibility: the Latin American Community in London*, London: Trust for London; https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/files/107149344/Towards_Visibility_full_report.pdf.
- McIlwaine, C and Evans, Y (2018) 'We Can't Fight in the Dark: Violence Against Women and Girls (VAWG) among Brazilians in London', London: QMUL/King's College London/ CASA/ESRC/LAWRS/PPP/QMUL/Redes/UFRJ/UT; [https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/publications/we-cant-fight-in-the-dark\(22f57081-620a-487f-a742-19ffe62c4650\).html](https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/publications/we-cant-fight-in-the-dark(22f57081-620a-487f-a742-19ffe62c4650).html).
- MHCLG (2019) English Housing Survey: home ownership, 2017-18, Ministry of Housing, Communities and Local Government; <https://www.gov.uk/government/statistics/english-housing-survey-2017-to-2018-home-ownership>.
- MRE (2015) *Brasileiros no Mundo: Estimativas Populacionais das Comunidades Brasileiras no Mundo*, Subsecretaria Geral da comunidades brasileiras no exterior; <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf>.
- ONS (2013) 2011 Census: QS213EW Country of Birth (expanded), regions in England, Wales, ONS: England; <http://www.ons.gov.uk/ons/publications/re-referencetables.html?edition=tcM%3A77-301985>; dados para a Escócia: http://www.scotlandscensus.gov.uk/documents/censusresults/release2a/relza_COB_detailed_Scotland.pdf; dados para a Irlanda do Norte: <http://www.nisra.gov.uk/Census/2011CensusProposedOutputs.html>.
- ONS (2020) Employee earnings in the UK: 2019, Office for National Statistics; <https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/peopleinwork/earningsandworkinghours/bulletins/annualsurveyofhoursandearnings/2019>.
- Sheringham, O (2013) *Transnational Religious Spaces: Faith and the Brazilian Migration Experience*, Palgrave Macmillan.
- Sigona, N and Hughes, V (2012) *No way out, no way in – irregular migrant children and families in the UK*. Oxford: COMPAS; https://www.compas.ox.ac.uk/fileadmin/files/Publications/Reports/NO_WAY_OUT_NOWAY_IN_FINAL.pdf.
- Souza, A (2010) 'O papel da família e de organizações civis no ensino de português para crianças brasileiras', *Travessia*, 66: 55-64.

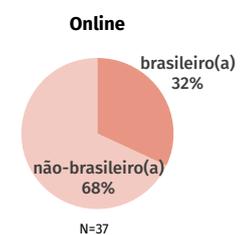
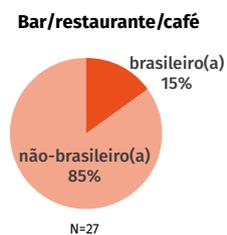
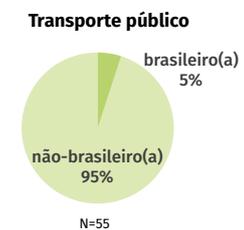
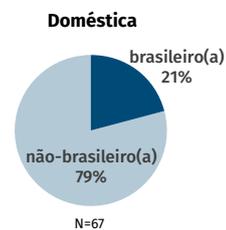
- Souza, A (2015) 'Línguas de Imigrantes em um Cenário Multiétnico: O Português Brasileiro em Londres', in Ferreira, A J (org) *Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Classe e Sexualidade em Linguagem.*, Campinas: Pontes, pp. 55-75.
- Souza, A (2016) *Português como Língua de Herança em Londres: recortes em casa, na igreja e na escola*, Pontes Editores.
- Souza A, (2019) 'Faith and language maintenance in transnational places of worship: Brazilian Christian Settings in London' in Pandharipande, R, Khemlani-David, M and Ebsworth, M (eds.), *Language Maintenance, Revival and Shift in the Sociology of Religion*, Multilingual Matters/Channel View Publications: Bristol.
- Souza, A and Evans, Y (2015) *Desafios no dia-a-dia: experiências de brasileir@s no Reino Unido*, Londres: GEB/Queen Mary/UCL, IOE, London;
<https://geb2008.files.wordpress.com/2015/07/souza-evans-2015-desafios-no-dia-a-dia.pdf>.
- Souza, A e Ortiz Alvarez, L M (2020) *Português como Língua de Herança – uma disciplina que se estabelece*, Campinas: Pontes Editores.
- Sumption, M and Kone, Z (2018) *Unsettled Status? Which EU Citizens are at Risk of Failing to Secure their Rights after Brexit?*, Report, Migration Observatory;
<https://www.compas.ox.ac.uk/wp-content/uploads/Unsettled-Status-Which-EU-Citizens-are-at-Risk-of-Failing-to-Secure-their-Rights-after-Brexit.pdf>.
- Torresan, A (1994) *Quem parte, quem fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Vargas-Silva, C (2016) 'EU Migration to and from the UK After Brexit', *Intereconomics*, 51(5): 251-255.
- Vertovec, S (2004) *Trends and Impacts of Migrant Transnationalism*, Working Paper WP-04-03, Compas: Oxford; https://www.compas.ox.ac.uk/wp-content/uploads/WP-2004-003-Vertovec_Impacts_Transnationalism.pdf.
- Vertovec, S (2007) 'Superdiversity and its implications', *Ethnic and Racial Studies*, 30(6): 1024 – 1054.
- Wills, J, Datta, K, Evans, Y, Herbert, J, May, J, and McIlwaine, C (2010) *Global Cities at Work: new migrant divisions of labour*, London: Pluto Press.

ANEXO I

VIOLÊNCIA VERBAL – GÊNERO DO(A) AGRESSOR(A)

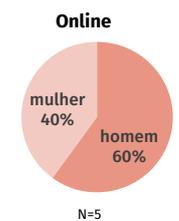
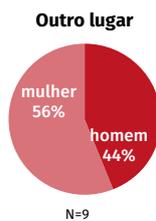
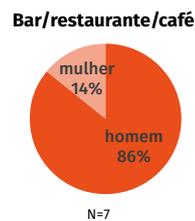
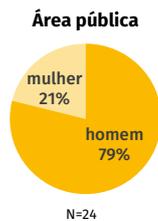
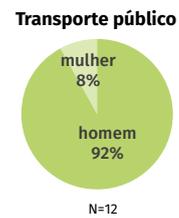
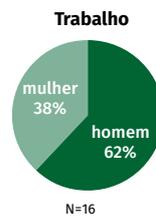
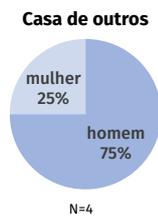
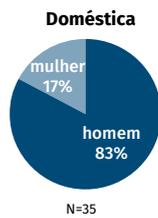
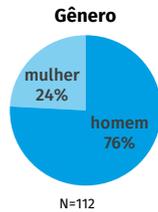


VIOLÊNCIA VERBAL – CARACTERÍSTICA DO(A) AGRESSOR(A)

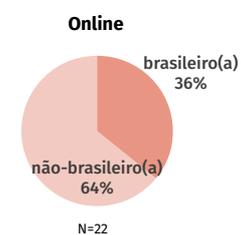
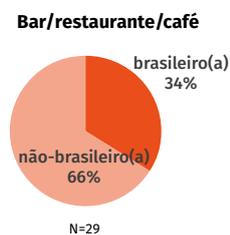
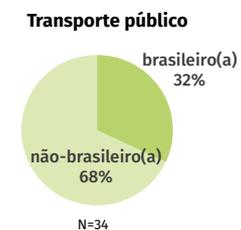
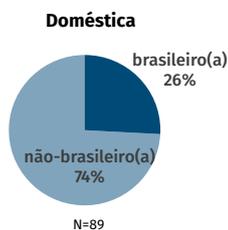
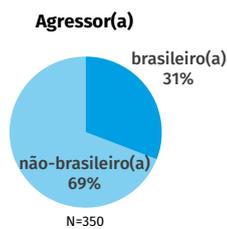


ANEXO II

VIOLÊNCIA FÍSICA – GÊNERO DO(A) AGRESSOR(A)

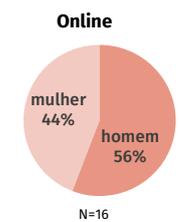
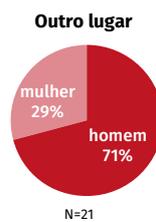
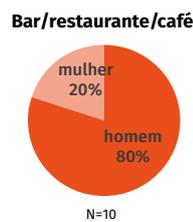
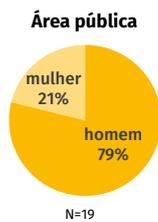
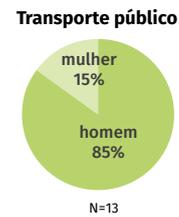
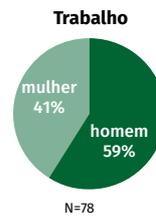
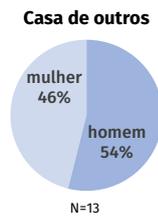
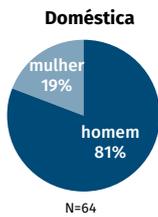
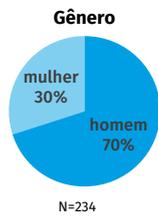


VIOLÊNCIA FÍSICA – CARACTERÍSTICA DO(A) AGRESSOR(A)

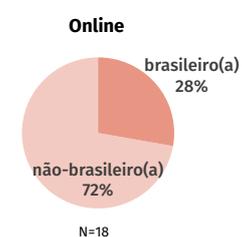
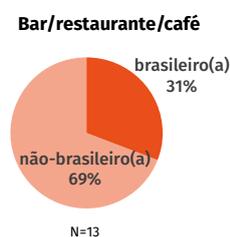
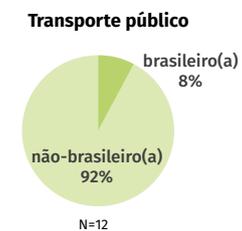
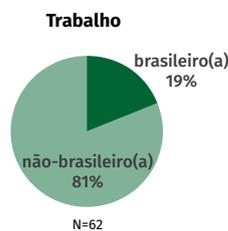
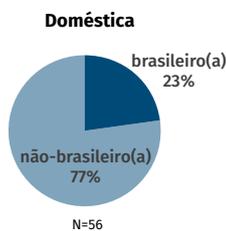
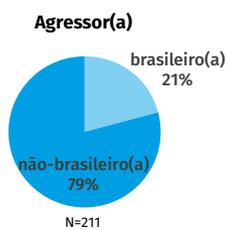


ANEXO III

VIOLÊNCIA EMOCIONAL – GÊNERO DO(A) AGRESSOR(A)

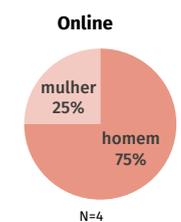
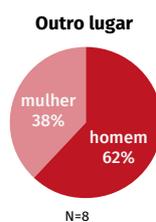
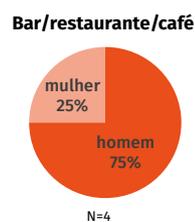
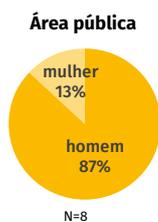
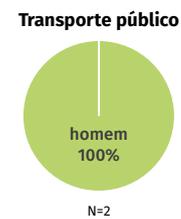
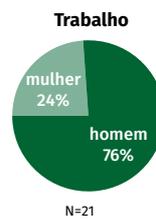
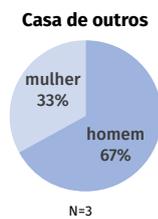
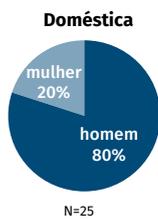
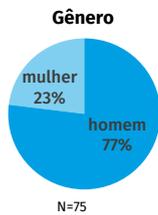


VIOLÊNCIA EMOCIONAL – CARACTERÍSTICA DO(A) AGRESSOR(A)

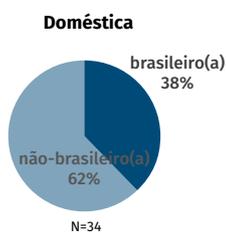
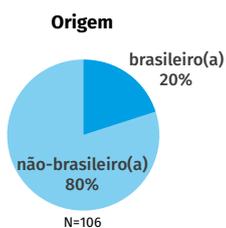


ANEXO IV

VIOLÊNCIA ECONÔMICA – GÊNERO DO(A) AGRESSOR(A)

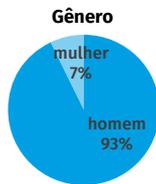


VIOLÊNCIA ECONÔMICA – CARACTERÍSTICA DO(A) AGRESSOR(A)



ANEXO V

VIOLÊNCIA SEXUAL – GÊNERO DO(A) AGRESSOR(A)



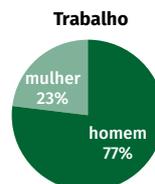
N=73



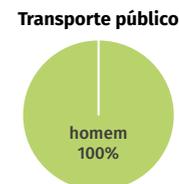
N=16



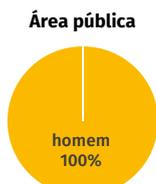
N=4



N=13



N=11



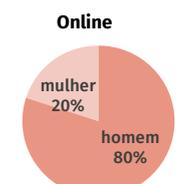
N=10



N=5



N=4



N=10

VIOLÊNCIA SEXUAL – CARACTERÍSTICA DO (A) AGRESSOR(A)



N=94



N=20



N=7



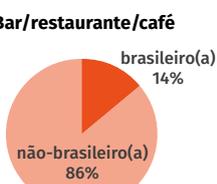
N=14



N=11



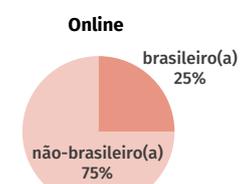
N=11



N=7



N=7



N=16

SOBRE A AUTORA

Dra. Yara Evans é formada em História pela Unicamp e em Geografia Humana, pela *London Metropolitan University*. Obteve o mestrado em Geografia pela Royal Holloway, University of London, e o doutorado em Geografia pela *University of Wales Aberystwyth*. Trabalhou como pesquisadora no Departamento de Geografia de *Queen Mary, University of London* entre 2005-2007, participando em pesquisa sobre imigrantes em Londres, principalmente brasileiros e latino-americanos. Foi integrante do *Grupo de Estudo Sobre Brasileiros no Reino Unido* de 2008-2015, liderando pesquisas quantitativas sobre brasileiros em Londres e no Reino Unido (<https://geb2008.wordpress.com/>). Entre 2016-2018, trabalhou no Departamento de Geografia de *King's College, University of London*, em pesquisa pioneira que documentou as experiências de violência de gênero por mulheres brasileiras em Londres. Atualmente trabalha como pesquisadora no *Imperial College London*, e também como professora na *Open University*.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA: yaraevans12@gmail.com